

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS

Roberta Maria Matos Cavaleiro de Macêdo

**O GÊNERO OPINATIVO “CARTAS DO LEITOR”:
UMA ANÁLISE DE *APPRAISAL***

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Letras, Área de Concentração: Linguística, do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Célia Maria Macêdo de Macêdo.

**Belém – Pará
2006**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA**

Macêdo, Roberta Maria Matos Cavaleiro de. 1974

O gênero opinativo “cartas do leitor”: uma análise de appraisal. / Roberta Maria Matos Cavaleiro de Macêdo; orientadora, Célia Maria Macêdo de Macêdo. ---- 2009.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Curso de Mestrado em Letras, Belém, 2009.

1. Lingüística. 2. Funcionalismo (Lingüística). I.Título.

CDD-20.ed.410

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS

Roberta Maria Matos Cavaleiro de Macêdo

**O GÊNERO OPINATIVO “CARTAS DO LEITOR”:
UMA ANÁLISE DE *APPRAISAL***

**Belém – Pará
2006**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS

Roberta Maria Matos Cavaleiro de Macêdo

**O GÊNERO OPINATIVO “CARTAS DO LEITOR”:
UMA ANÁLISE DE *APPRAISAL***

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Linguística

Data da defesa: 26/10/2006

Conceito: _____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Célia Maria Macedo de Macêdo

Orientadora
Universidade Federal do Pará

Profa. Dra. Solange Maria de Barros Ibarra Papa

Membro
Universidade do Estado do Mato Grosso

Profa. Dra. Fátima Cristina da Costa Pessoa

Membro
Universidade Federal do Pará

Profa. Dra. Maria Eulália Sobral Toscano

Suplente
Universidade Federal do Pará

RESUMO

Esta pesquisa está fundamentada na visão sistêmico-funcional da linguagem e tem como objetivo principal descrever e analisar as categorias de *appraisal*, em 50 textos publicados na seção ‘Cartas do Leitor’, veiculada pela revista *Veja*, mostrando a importância das escolhas linguísticas na construção de significados relacionados à emoção do falante. Adotamos os pressupostos teóricos do lingüista Michael Halliday (1994) que concebe a linguagem como uma forma de ação sobre a realidade, por meio da qual o falante comunica três grupos de significados: ideacional, interpessoal e textual. Enfocamos a metafunção interpessoal, particularmente, a teoria de *appraisal*, defendida por Martin (2000), Martin e Rose (2003) e Martin e White (2005). A análise das expressões lexicais utilizadas na elaboração das cartas comprova que os escreventes recorrem às categorias de *appraisal* para extravasar o que sentem, positiva ou negativamente, seja para julgar comportamentos ou atitudes, seja para externar afetos ou desafetos, seja para apreciar pessoas ou objetos. Ficou constatado que, no gênero textual “Cartas do Leitor”, há uma predominância da categoria avaliativa ‘**Julgamento**’.

Palavras-chave: Lingüística sistêmico-funcional; metafunção interpessoal; *appraisal*.

ABSTRACT

This research is based on the functional-systemic linguistics and it aims at describing and analyzing the categories of *appraisal*, in 50 texts published in the section 'Letters of the Reader' in *Veja* magazine, showing the importance of the linguistic choices for the construction of those meanings related to the emotions of the speaker. As a theoretical framework, we adopt the ideas of Michael Halliday (1994) who conceives language as a form of action on reality, by means of which the speaker communicates according to three groups of meanings: ideational, interpersonal and textual. We focus on the interpersonal metafunction, particularly, on the theory of *appraisal*, defended by Martin (2000), Martin and Rose (2003) and Martin and White (2005). The analysis of the lexical expressions used in the elaboration of the letters proves that the writers use the categories of *appraisal* to express positive and negative feelings, either to judge behaviors or attitudes, either to externalize affections or disaffections; either to appreciate people or objects. It was evidenced that in the textual genre 'Letters of the Reader' the evaluative category of 'judgment' is predominant.

Key-words: functional-systemic linguistics; interpersonal metafunction; appraisal.

Aos meus filhos
José Roberto, Juliana e
Geovana,
por tantas horas roubadas.
Ao meu Homem.

São horas talvez de fazer
o único esforço de eu olhar
para a minha vida (...)
Digo do que ontem
literariamente fui,
procuro explicar a mim próprio
como cheguei aqui.
— (Fernando Pessoa, do livro do
Desassossego).

AGRADECIMENTOS

- A Deus, meu pai fiel, por não ter me deixado fraquejar nos momentos em que me faltaram as forças e por me carregar em seus braços para que eu chegasse até o fim.
- Em especial, à minha mãe Maria de Jesus Macêdo (in memorian), por ser a luz da minha caminhada.
- A meu pai, José Roberto Macêdo, por ser o exemplo de competência em quem me espelho.
- A meus irmãos, pelo sangue e pelo amor que correm em nossas veias.
- Em especial, aos meus filhos José Roberto, Juliana e Geovana, razão das minhas constantes lutas, buscas e vitórias.
- A meu marido, Orivaldo Fernandes, pelo imprescindível apoio nos ‘bastidores da minha vida’ para que eu pudesse ‘brilhar’ como ‘atriz principal’, pelas palavras de conforto e de carinho nos momentos difíceis, por não ter me deixado desistir desse sonho acadêmico, pela incansável disposição de ser pai e mãe nos meus muitos momentos ausentes, pela confiança, por ser um grande amigo e ser o meu eterno amor.
- À minha orientadora, Prof^a Dra. Célia Maria Macedo de Macedo, pela dedicação, carinho e paciência.
- Ao Colegiado do Mestrado em Lingüística, pela prorrogação do tempo, possibilitando que este trabalho fosse realizado.
- À amiga e ‘mãe postiça’, Cléia de Melo Luz, pelas orações constantes, pela força diária e pelo carinho.
- À amiga de todas as horas, Elisa Marques Braga, pelas orações diárias, pelas palavras de conforto e pela amizade verdadeira.
- À amiga Josalídia Reis, pelos momentos vividos em sala de aula, pelo compartilhar de conhecimentos, pelo apoio imprescindível com o inglês, pela amizade.
- À amiga Kelly Gaignoux, pela amizade, pelos momentos compartilhados em sala de aula, pelas aulas essenciais de inglês.
- Aos amigos Sidney Henrique de Souza Ribeiro e Welington Luiz Valente, pelo apoio imprescindível com a digitação e a formatação do texto.

- Aos meus alunos, motivo maior da busca por novos conhecimentos.
- Às minhas secretárias do lar, D. Fátima e Missele Gonçalves, que tão bem cuidaram da minha casa e dos meus filhos para que eu pudesse exercer meus papéis acadêmicos.
- A todos os amigos que trilharam meu caminho e, de alguma forma, deixaram sua contribuição.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
PARTE A – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.	
Capítulo I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
1.1. A Lingüística Sistêmico-Funcional	19
1.1.1. Realização dos Significados e as Metafunções da Linguagem	22
1.1.2. A Importância do Contexto para a Produção de Significados	23
1.1.2.1. Conhecendo um pouco mais os Contextos de Cultura e de Situação	25
1.2. A Interpessoalidade	28
1.3. A Linguagem da Avaliação	29
1.3.1. Atitude	32
1.3.1.1. Afeto	33
1.3.1.2. Julgamento	35
1.3.1.3. Apreciação	38
Capítulo II - OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
2. Introdução	42
2.1. As Cartas do Leitor	42
2.2. O Contexto das Cartas	43
2.2.1 O Campo do Discurso	43
2.2.2. As Relações do Discurso	44
2.2.3. O Modo do Discurso	45
2.3. Procedimentos de Coleta	45
2.4. Procedimentos de Análise	46

PARTE B – ANÁLISE DOS DADOS

Capítulo III – ANÁLISE DOS DADOS	49
3. Introdução	49
3.1. Afeto	51
3.1.1. O Afeto nas Cartas de Rejeição	52
3.1.1.1. Infelicidade	53
3.1.1.2. Insatisfação	53
3.1.1.3. Insegurança	54
3.1.2. O Afeto nas Cartas de Aceitação	59
3.1.2.1. Felicidade	59
3.1.2.2. Satisfação	60
3.1.2.3. Segurança	60
3.1.3. Conclusões Parciais	61
3.2. Julgamento	63
3.2.1. O Julgamento nas Cartas de Rejeição	65
3.2.1.1. Veracidade	65
3.2.1.2. Propriedade	67
3.2.2. Conclusões Parciais	70
3.2.3. O Julgamento nas Cartas de Aceitação	71
3.2.3.1. Veracidade	71
3.2.3.2. Propriedade	72
3.2.4. Conclusões Parciais	73
3.3. Apreciação	75
3.3.1. A Apreciação nas Cartas de Rejeição	76
3.3.1.1. Impacto	76
3.3.1.2. Qualidade	78
3.3.2. A Apreciação nas Cartas de Aceitação	80
3.3.3. Conclusões Parciais	80

CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	89
ANEXOS	91
Cartas de Rejeição	91
Cartas de Aceitação	99
LISTA DE FIGURAS	
Figura 01: Os ciclos de codificação da linguagem	30
Figura 02: Os ciclos de codificação da linguagem	31
Figura 03: Os três domínios da avaliação	31
Figura 04: Categoria Avaliativa Julgamento	37
Figura 05: Categoria Avaliativa Apreciação	40
Figura 06: Categoria Avaliativa Afeto analisada neste trabalho	52
Figura 07: Categoria Avaliativa Julgamento analisada neste trabalho	65
Figura 08: Categoria Avaliativa Apreciação analisada neste trabalho	75
LISTA DE QUADROS	
Quadro 01: Aspectos da interpessoalidade	28
Quadro 02: Recursos lexicogramaticais	32
Quadro 03: Parâmetros do Julgamento	38
Quadro 04: Parâmetros da Apreciação	39
Quadro 05: Julgamento e Apreciação como Afeto institucionalizado	41
LISTA DE GRÁFICOS	
Gráfico 01: Incidência do Afeto nas cartas de rejeição	61

Gráfico 02: Classes gramaticais na categoria afeto nas cartas de rejeição	62
Gráfico 03: Os tipos de Afeto nas cartas de rejeição	62
Gráfico 04: Incidência do Afeto nas cartas de aceitação	62
Gráfico 05: Incidência dos subtipos da sanção social na categoria Julgamento	71
Gráfico 06: Incidência da apreciação cartas de rejeição	81
Gráfico 07: Incidência das categorias afeto, julgamento e apreciação nas cartas de rejeição	86

INTRODUÇÃO

A linguagem enquanto forma de ação entre os falantes¹ motivou a elaboração deste trabalho. O interesse em observar como as pessoas utilizam a linguagem para alcançar seus objetivos interlocucionais e os significados atitudinais criados por elas, a partir das escolhas lingüísticas que fazem, estimulou a realização dessa dissertação.

Neste trabalho, buscamos, sobretudo, a linguagem como processo de interação no qual, o que o indivíduo faz ao usar a língua, não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrém, mas sim, realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor. A linguagem é uma maneira de o falante interferir no comportamento do interlocutor; é vista, portanto, como um meio de ação, uma vez que é um instrumento de produção de significados que direciona a atuação do falante sobre os fatos da realidade e sobre seu interlocutor. Dessa forma, pretendemos com o estudo aqui apresentado, de acordo com Koch (1992), “(...) *descrever e explicar a (inter)ação humana por meio da linguagem, a capacidade que tem o ser humano de interagir socialmente por meio de uma língua, das mais diversas formas e com os mais diversos propósitos e resultados*”. (p.12)

Por meio da linguagem como um processo interativo, descobrimos o que o falante faz, quais os seus propósitos comunicativos, os efeitos que pretende causar naquele com quem interage. É bem verdade que não podemos fazer afirmações concretas e determinantes quanto às intenções do falante, uma vez que os seus pensamentos são um ‘terreno’ muito subjetivo em que não se pode penetrar. Há muita informação inatingível ao pesquisador, e mesmo o falante, muitas vezes, tentando retomar o seu discurso, nem sempre consegue recuperar quais tenham sido suas reais intenções de comunicação. Entretanto, existem os elementos do contexto de situação² que já revelam muitos dos objetivos dos participantes de uma relação dialógica. Há ainda o texto³, em cuja tessitura encontram-se inscritas, por meio das escolhas lingüísticas que o falante faz, algumas de suas possíveis

¹ O termo falante é tomado em sentido amplo, designando o ser humano que exerce atividade de linguagem.

² O conceito de contexto de situação, apresentado por Halliday, refere-se à influência dos aspectos sociais sobre os usos da linguagem. Esse conceito será melhor explanado no item 1.2.1.1, pág.25

³ Texto é aqui entendido, segundo Halliday e Hasan (1989) como um produto, tendo em vista que é o resultado de uma produção que pode ser analisada ou estudada, e um processo no sentido de que é uma contínua atividade de escolhas semânticas em uma interação. Aprofundar melhor no item 1.1.2, pág.23

intenções. Assim sendo, a partir do contexto em que está inserida a interação e a partir das escolhas lingüísticas encontradas no texto, procuramos investigar as ações realizadas pela linguagem e as reações que essas escolhas parecem querer provocar.

Baseados na concepção funcional da linguagem, particularmente, nos pressupostos teóricos apresentados por Michael Halliday (1994) e seus seguidores Eggins (1994) e Thompson (1996), buscamos saber das ações – especificamente elogiar ou criticar – dos escritores das cartas e das possíveis reações que essas escolhas podem provocar nos leitores.

Halliday (1994) apresenta a língua como um sistema composto de formas e funções. As formas correspondem a paradigmas de escolhas lexicais que o falante seleciona no sistema lingüístico em que está inserido; as funções são os significados construídos por meio dessas escolhas. Ao referir-se às significações construídas na interação, Halliday apresenta as metafunções ideacional, interpessoal e textual⁴, por meio das quais são construídos significados⁵ ligados às representações de mundo do falante, às interações sociais e à construção da mensagem.

Segundo Halliday (1994), a linguagem é multifuncional porque realiza os três tipos de significados simultaneamente, que satisfazem as intenções de comunicação do falante. Assim, em um evento interativo, o falante, concomitantemente, representa sua realidade de uma determinada maneira, reflete ou cria conhecimentos e crenças, expressa pensamentos e sentimentos condizentes à sua experiência de mundo, estabelece relações sociais, interagindo com o seu interlocutor, objetivando atuar sobre ele e, para tal, organiza o texto de uma forma que venha atender a todos esses propósitos interlocucionais.

Torna-se fundamental salientar que esses três significados ou metafunções estão diretamente ligados à idéia de contexto, já que as escolhas lingüísticas são feitas em razão deste. Assim, destacamos a importância do contexto sociocultural⁶ como um possível

⁴ As metafunções estão claramente detalhadas no item 1.1.1 deste trabalho, pág.22

⁵ O termo ‘significado’, na lingüística sistêmica, iguala-se ao termo função, ou propósito geral da linguagem. Refere-se ao uso que fazemos da linguagem. Halliday (1994) diz que “a linguagem é interpretada como um sistema de significados acompanhados de formas por meio das quais os significados são realizados”. Em termos sistêmicos, é possível falar em ‘realizar’ e ‘trocar’ significados.

⁶ O conceito de contexto de cultura, apresentado por Halliday, refere-se à influência dos aspectos culturais sobre os usos da linguagem, o que será melhor explanado no item 1.1.2.1, pág.25

determinante das escolhas lingüísticas realizadas, assim como do contexto situacional como responsável pelas prováveis intenções comunicativas do falante. Para a gramática funcional, a análise do contexto simboliza o elemento essencial à produção e à interpretação das escolhas realizadas pelo falante, uma vez que é o contexto que circunstancia todas as ações humanas, orientando-as, condicionando-as e definindo-as.

Esta pesquisa concentra-se na análise da metafunção interpessoal⁷. Segundo Halliday, a metafunção interpessoal realiza significados que evidenciam a relação existente entre falante/texto e falante/interlocutor. Thompson (1996:69) divide a metafunção interpessoal de Halliday em dois componentes: o pessoal e o interativo. A esse trabalho interessa apenas o componente pessoal que considera a avaliação como intervenção pessoal do falante – foco desta pesquisa. Para analisarmos a avaliatividade em textos, segundo uma visão funcional, fundamentamo-nos na teoria de *appraisal*, defendida por Martin (2000); Martin e Rose (2003) e Martin e White (2005). *Appraisal* é o sistema de significados interpessoais, cujas atitudes dos interactantes são negociadas nos textos. É o ato de estimar ou julgar a natureza ou o valor de alguém ou de algo, ou seja, é a avaliação dos sentimentos e do caráter das pessoas, como também, a apreciação dos valores de coisas ou objetos.

A teoria de *appraisal* (Martin e White, 2005) propõe explicitar os diferentes usos da linguagem por falantes, de modo a descrever e explicar o modo como as realizações lingüísticas ocorrem para avaliar, adotar posicionamentos, julgar atos de outrém, apreciar elementos do mundo real. Dentre as funções desempenhadas nesta teoria, expostas no capítulo I deste trabalho⁸, a que mais interessa a este trabalho é a que demonstra o posicionamento atitudinal do falante frente a comportamentos e eventos/coisas concretas, através do elogio ou da censura.

Como *corpus* da pesquisa, escolhemos as ‘Cartas do Leitor’ da revista Veja, que têm como assunto o mensalão, devido ao grau de polemicidade e à atualidade dos fatos. Queremos verificar se as pessoas tecem mais comentários para julgar; para serem solidárias ou críticas; para se mostrarem emocionadas e sensíveis; para apreciar algo que conhecem ou tão somente ouviram falar; para seduzirem ou serem seduzidas; etc.

⁷ A interpessoalidade está amplamente detalhada no item 1.2 deste trabalho, pág.28

⁸ As funções avaliativas estão expostas no item 1.3 deste trabalho, pág.29

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é mostrar, de acordo com Thompson (2000:6), como o escritor usa as expressões avaliativas para revelar seus valores e também os valores da comunidade da qual faz parte.

Como objetivos específicos, temos:

- i) apontar as expressões lexicais que demonstram as categorias de *appraisal*: **afeto, julgamento e apreciação**;
- ii) mostrar as classes gramaticais que expressam avaliação (Martin, 2000);
- iii) relacionar as escolhas lexicais avaliativas aos prováveis propósitos interlocutivos dos escritores das cartas;
- iv) indicar a categoria de *appraisal* mais recorrente nas cartas e explicar essa predominância de acordo com as possíveis intenções dos escritores das cartas e com o contexto no qual estão inseridas.

Para alcançar os objetivos propostos, a análise procede da seguinte maneira:

- i) separa as cartas em dois grupos: ‘rejeição’ e ‘aceitação’ ao governo petista;
- ii) destaca as escolhas lingüísticas avaliativas;
- iii) mostra as classes gramaticais que expressam avaliação;
- iv) agrupa os itens avaliativos quanto às categorias de *appraisal*;
- v) separa as ocorrências de cada categoria avaliativa em tipos e subtipos, conforme sugeridos em Martin (2000) e Martin e Rose (2003);
- vi) relaciona os tipos e subtipos das categorias aos propósitos do escritor;
- vii) mostra a categoria de *appraisal* que é mais recorrente nas cartas e explica essa predominância de acordo com as possíveis intenções dos escritores das cartas e com o contexto em que estão inseridas;
- viii) comprova, por meio de expressões avaliativas e de dados contextuais, que o escritor das cartas não apenas externa sua opinião, como também compartilha a opinião da comunidade da qual faz parte.

Para que cheguemos aos propósitos pretendidos, o trabalho busca respostas às seguintes perguntas:

- i) Que categoria de *appraisal* ocorre com mais frequência nas cartas?

- ii) Que subtipo avaliativo é mais recorrente?
- iii) Com que prováveis intenções os escreventes recorrem a essa escolha avaliativa?
- iv) Como a opinião do escritor revela seus valores e os valores da comunidade da qual faz parte?

No primeiro capítulo, expomos a teoria na qual a análise deste trabalho está fundamentada - a Linguística Sistêmico-Funcional – apoiada em Halliday (1994), Halliday e Hasan (1989), Eggins (1994), Thompson (1996), que dá o suporte teórico acerca das noções de contexto; da realização dos significados na elaboração das cartas; do caráter da interpessoalidade e da importância do *appraisal*, apoiada em Martin (2000); Martin e Rose (2003); Martin e White (2005); Thompson (2000).

No segundo capítulo, apresentamos as metodologias de coleta e de análise, fazendo uma caracterização do *corpus*, momento em que descrevemos os elementos contextuais – campo, relação e modo.

No terceiro capítulo, fazemos a análise dos dados, listando as categorias das quais as cartas são constituídas. Essas categorias são explicadas à luz da teoria de *appraisal*, sendo exemplificadas a partir do contexto em que são inseridas.

A hipótese geral que levantamos é a de que os escritores das cartas recorrem às categorias de *appraisal* para externar suas mais diversas emoções, sejam elas positivas ou negativas; sejam elas para julgar comportamentos, apreciar coisas ou pessoas, mostrar seus afetos e desafetos e assim compartilhar com os leitores seus sentimentos e pensamentos em relação às atitudes dos governantes petistas. Para Thompson (2000):

“Ideologias não existem em silêncio, tampouco são expressas abertamente. Elas são construídas e transmitidas por meio de textos, e é nos textos que sua natureza é revelada. Tem-se tornado lugar comum examinar textos para revelar as ideologias que os têm inspirado, porque ideologias são conjuntos de valores que reputam por bons ou maus; positivos ou negativos; que deveriam ou não deveriam acontecer; que contam como verdade ou inverdade”. (p. 08)

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. A Lingüística Sistêmico-Funcional

O melhor modelo para examinar a conexão entre a estrutura lingüística e os valores atitudinais, como pretendemos neste trabalho, é o modelo funcional desenvolvido por Halliday e seus seguidores, uma vez que a abordagem sistêmico-funcional relaciona as escolhas lingüísticas às possíveis intenções do falante e ao contexto sociocultural.

Analisar os fenômenos lingüísticos sob a perspectiva funcional da linguagem consiste em investigar de que maneira o falante utiliza a linguagem, em situações comunicativas reais e concretas, a fim de satisfazer a seus propósitos interlocucionais ao interagir com outros falantes.

Eggins (1994) explica que o interesse dos lingüistas sistemicistas pelo uso da linguagem, no dia a dia das pessoas, é confirmado por quatro pontos teóricos fundamentais acerca da linguagem, defendidos por esses lingüistas:

- i) o uso da linguagem é funcional;
- ii) a função da linguagem é realizar significados;
- iii) esses significados são influenciados pelo contexto cultural e social no qual são trocados;
- iv) o processo de uso da linguagem é um processo semiótico, isto é, um processo de fazer significados por meio de escolhas.

Segundo Macêdo (1999:31), *o uso da linguagem é funcional porque é reconhecida por lingüistas a necessidade de se considerar aspectos referentes ao uso que se faz da linguagem, em situações autênticas de comunicação*. Conforme Eggins (1994:6), perguntas funcionais do tipo “o que as pessoas fazem com a linguagem?” mostram que os estudos funcionais só podem ser realizados com material autêntico, no qual as pessoas interagem em contextos sociais naturais. Por meio de um material autêntico, é possível ao

lingüista saber dos possíveis objetivos dos participantes de uma interação, posto que “a linguagem é moldada conforme o propósito para o qual sirva” (Halliday, 1994:44).

O segundo princípio teórico defendido pelos systemicistas diz que a função da linguagem é realizar significados. Logo, a abordagem sistêmica da linguagem, além de ser funcional, é também de base semântica. O texto, oral e escrito, considerado em todas as suas potencialidades de uso, objeto de uma abordagem sistêmico-funcional, é concebido por Halliday (1994) como um evento interativo, o próprio lugar da interação, unidade semântica cuja função é a realização e a troca de significados. Segundo o autor, essa é a função primária da linguagem: produzir e trocar significados em contextos particulares e é isso que torna funcional o uso da língua.

Devido ao seu caráter semântico, o texto deve ser concebido concomitantemente como produto e processo. De acordo com Halliday e Hasan (1989),

“o texto é um produto na medida em que é uma potência útil, algo que pode ser gravado e estudado, tendo uma certa construção que pode ser representada em termos sistêmicos. E é um processo no sentido de que é um processamento contínuo de escolhas semânticas, um movimento através de rede de significados potenciais, com cada um dos conjuntos de escolhas constituindo o ambiente para um conjunto posterior”. (p.10)

Para Eggins (1994:12), todo lingüista systemicista tem interesse em compreender como as pessoas usam a linguagem para interagir socialmente. É nesse sentido que a autora afirma ser funcional o uso da linguagem, já que sua função geral é a construção de significados realizados a partir das escolhas paradigmáticas⁹.

⁹ São itens lingüísticos que, em algum sentido, constituem escolhas alternativas, de modo que apenas um de cada vez pode estar presente numa dada posição. O conceito de relação paradigmática está intimamente relacionado com o de sistema, num conjunto de escolhas alternativas mais as regras a que as escolhas obedecem. (Dicionário de Linguagem e Lingüística, 2004:258).

A importância do aspecto social na formação linguística do sujeito reside na noção de que o contexto de situação, assim como o contexto de cultura limitam e definem as escolhas e as operações linguísticas (Halliday, 1994), elencadas paradigmaticamente em um sistema semântico-linguístico sociosemiótico, já que cada escolha linguística adquire relevância quando comparada às outras opções potenciais que poderiam ter ocorrido (Egins, 1994:89).

Segundo Halliday, uma abordagem funcional pretende relacionar língua, situação e cultura (Halliday *apud* Neves, 1994:112). Os significados concebidos pelo falante são realizados por meio de elementos pertencentes à léxico-gramática da língua, sendo influenciados pelos contextos de cultura e de situação em que a interação ocorre. Para criar os mais diversos significados, o falante recorre a escolhas léxico-gramaticais, motivadas pela situação que influencia diretamente nessas escolhas.

Halliday afirma que a relação entre os itens da léxico-gramática e os significados expressos por eles não se define como uma relação arbitrária, mas sim motivada, posto que são escolhas feitas a partir de finalidades traçadas, com intenções comunicativas bem definidas e ocorrem de acordo com necessidades interlocucionais que surgem no decorrer da produção do texto.

Para Halliday, o falante constrói seu texto de uma determinada forma motivado pelos meios social e cultural nos quais está inserido, como também pela posição que ocupa na sociedade. Dependendo do tipo e da função da interação, o falante constrói seus textos impulsionado pelas mais diversificadas finalidades comunicativas: **emocionar, informar, elogiar, criticar, avaliar, julgar, convencer, solicitar algo ou apenas requerer a parceria de seu interlocutor**. Dessa forma, as possibilidades formais são essenciais para que se entendam as possíveis intenções de quem produz um texto, uma vez que fornecem as ‘pistas’ necessárias sobre o tipo de relação que o falante estabelece com seu interlocutor, ao mesmo tempo em que evidenciam o seu grau de engajamento e comprometimento com o texto.

De acordo com Thompson (1996), toda língua possui estruturas gramaticais próprias, comuns a seus falantes, e cada texto apresenta-se de uma determinada

maneira porque foi produzido, baseando-se em necessidades interlocucionais definidas, relacionadas a uma situação específica de comunicação.

Conforme podemos entender, são questionamentos sobre “*como as pessoas utilizam a língua?*” e “*como a língua é estruturada para o seu uso?*” que dão embasamento a uma análise funcional (Eggins, 1994:2). Para os systemicistas, há explicações para que o falante utilize uma ou outra opção léxico-gramatical e, compreender o que estaria motivando o falante a produzir o seu enunciado de uma maneira específica em detrimento de uma outra possibilidade, é o interesse maior do lingüista que se baseia numa concepção sistêmico-funcional da linguagem.

1.1.1. A Realização dos Significados e as Metafunções da Linguagem

Conforme dissemos anteriormente, ao se comunicar, o falante realiza significados. Para melhor explanar esses significados, estaremos, a partir de agora, centrados nos três tipos de significados: experiencial, interpessoal e textual, fundamentados em Halliday (1994). Essas três formas de significar constituem, juntas, o sistema semântico das metafunções, denominadas pelo autor como ideacional, interpessoal e textual, que se realizam, no texto, por meio das escolhas léxico-gramaticais feitas pelo usuário da língua.

A metafunção ideacional corresponde ao que se costuma chamar de função cognitiva ou referencial da linguagem (Koch, 1993:22), no momento em que relata as opiniões do falante em relação aos fatos do mundo. É no contexto dessa metafunção que o falante extravasa suas experiências de mundo, compartilhando significados ideacionais, realizados na léxico-gramática pelas escolhas evidenciadas no sistema de transitividade.

A metafunção interpessoal, ligada à posição que o locutor assume diante da mensagem e diante do ouvinte no processo da enunciação, refere-se às escolhas feitas nos sistemas de “modo” (os papéis representados pelos falantes da interação) e “modalidade” (a posição, o julgamento dos falantes a respeito da mensagem veiculada na interação). Por meio dessa metafunção, é possível fazer cogitações acerca das relações entre os participantes de uma determinada interação, assim como, é possível entender o papel que cada um desempenha e como cada um dos interactantes comporta-se diante do que está sendo comunicado.

A metafunção textual diz respeito à criação de textos de modo pertinente ao contexto, devendo a língua conter, em sua estrutura, elementos capazes de justificar essa adequação. Duas estruturas fornecem ao falante a possibilidade de construção do texto: a temática e a informacional. Em uma, desempenham papel principal o “tema” e o “rema”; em outra, o “dado” e o “novo”. Tanto uma como outra têm natureza claramente enunciativa e discursiva, já que permitem evidenciar as intenções do falante e constituir seqüências de sentido preciso e adequado às necessidades comunicativas (cf.pág.22). Assim, a metafunção textual formaliza os dois primeiros tipos de significado - experiencial e interpessoal – por meio da operacionalização e da organização da mensagem.

Segundo Halliday (1994), a linguagem é multifuncional porque realiza os três tipos de significados simultaneamente, que satisfazem às intenções de comunicação do falante. Assim, em um evento interativo, o falante, concomitantemente, representa sua realidade de uma determinada maneira, reflete ou cria conhecimentos e crenças, expressa pensamentos e sentimentos condizentes à sua experiência de mundo, estabelece relações sociais, interagindo com o seu interlocutor, objetivando atuar sobre ele e, para tal, organiza o texto de uma forma que venha atender a todos esses propósitos interlocucionais.

Torna-se fundamental salientar que esses três significados ou metafunções estão diretamente ligados à idéia de contexto, uma vez que as escolhas lingüísticas são feitas em razão deste. Assim sendo, faz-se necessário tratar detalhadamente sobre a construção do texto e do contexto.

1.1.2. A Importância do Contexto para a Produção de Significados

Para a gramática funcional, a análise do contexto simboliza o elemento essencial à produção e à interpretação das escolhas realizadas pelo falante, uma vez que é o contexto que circunstancia todas as ações humanas, orientando-as, condicionando-as e definindo-as.

Para que a significação de um texto seja alcançada, é importante que se considere a relação intrínseca entre texto e contexto. Segundo Halliday, a partir da ligação íntima entre texto e contexto, torna-se possível entender o sentido ou até os vários sentidos permitidos numa construção, partindo-se de uma leitura detalhada do momento de sua

produção. Além disso, por meio de elementos contextuais tais como a situação histórica, social e cultural em que o falante está inserido, torna-se possível entender a linguagem utilizada em um texto; o assunto a ser abordado; a relação entre os participantes da interação e as finalidades do processo comunicativo.

Para Malinowski *apud* Koch (2002),

“(...) um enunciado só se torna inteligível quando colocado dentro de seu contexto de situação, se me é permitido cunhar uma expressão que indique, por um lado, que a concepção de contexto precisa ser ampliada e, por outro, que a situação em que as palavras são usadas jamais poderá ser descartada como irrelevante para a expressão lingüística. Podemos ver o quanto a noção de contexto necessita ser substancialmente amplificada se quisermos que ela tenha plena utilidade. De fato, ela deve ultrapassar os limites da mera lingüística e ser alçada à análise das condições gerais sob as quais uma língua é falada” .(p. 21)

Em relação à influência do contexto na construção do texto enquanto produto inteligível, Halliday (1994) salienta que,

“o texto é definido como a realização, em termos lingüísticos, das escolhas léxico-gramaticais feitas por um indivíduo de acordo com a função, com o tipo de interação e com o ambiente social dentro de um sistema de potenciais de significados (‘meaning potential’). Um texto não existe isoladamente, pois está inserido em um contexto situacional determinado pelo tipo de situação ou contexto social. Assim sendo, o texto torna-se produto do ambiente e funciona nesse dado ambiente” . (p.89)

Levando-se em consideração o contexto, podemos entender que, de fato, o texto só pode ser entendido de maneira adequada, se estiver relacionado a uma situação específica de comunicação, ou seja, ao contexto de uso, a partir do qual e para o qual é produzido. Sendo assim, há de se considerar exigências razoáveis que envolvem as condições sociais, históricas e culturais em que se produz um determinado texto.

O processo interativo, no qual os participantes da interação se revelam, mostra, por meio das escolhas que os falantes fazem, o grau de envolvimento entre eles (se aproximação ou distanciamento); o grau de formalidade ou informalidade; como também, o tipo de linguagem utilizado, ou seja, mandamentos da relação dialógica aos quais os falantes

são submetidos, já que os fatos do mundo real influenciam diretamente na maneira como os usuários da língua a utilizam, ao mesmo tempo em que são revelados por ela.

Portanto, segundo Koch (2002),

“(...) o tratamento da linguagem, quer em termos de produção, quer de recepção, repousa visceralmente na interação produtor/leitor, que se manifesta por uma antecipação e coordenação recíprocas, em dado contexto, de conhecimentos e estratégias cognitivas. No momento da interação, cabe ao interlocutor proceder a uma seleção do contexto adequado à construção do sentido do texto” (p.31).

Dessa forma, de acordo com Costa (2003:23), proceder à análise de um evento interativo é despir-se diante de um fenômeno complexo, heterogêneo, dinâmico, variável, definido por fatores históricos, sociais e culturais, que se traduz por meio de marcas lingüísticas; mas é também se colocar diante dos componentes de um processo constante de negociação, de trocas de significados (Thompson, 1996).

A gramática funcional prioriza, portanto, a importância da relação entre a linguagem, o usuário e os contextos de situação e de cultura para o melhor entendimento dos significados e das estruturas lingüísticas utilizadas nos processos interacionais. Assim, é importante discorrermos com mais detalhes sobre os contextos tratados neste item.

1.1.2.1. Conhecendo um pouco mais os Contextos de Cultura e de Situação

Com o que desenvolvemos no item anterior, tornou-se clara a importância que o contexto exerce sobre a elaboração de um texto, por isso precisamos fazer um breve histórico de como surgiu a preocupação em explicar o poder do contexto sobre a maneira como o falante utiliza a linguagem para realizar suas mais diversas intenções e, assim, interagir com o mundo ao seu redor.

É importante retomar dois conceitos fundamentais à noção de contexto, quais sejam, o contexto de situação e o contexto de cultura, introduzidos pelo antropólogo Bronislaw Malinowski, em suas obras de 1923 e 1935. Esse estudioso considerou tanto a história cultural dos participantes de um evento, como também o ambiente em que estavam

envolvidos esses participantes, dados essenciais à compreensão dos significados permitidos em um processo interacional.

A idéia de contexto em Halliday e Hasan (1989) é desenvolvida a partir das pesquisas realizadas por Malinowski. Os estudos feitos pelo antropólogo estimularam os linguistas a aprofundarem o interesse em verificar de que forma texto e contexto estão diretamente relacionados e a concluir que o contexto e o texto “*integram-se no processo de significação, de organização e de construção da experiência humana*” (Heberle, 2000 *apud* Meurer, 2005:29).

Assim sendo, Halliday retoma e amplia as noções de contexto de situação e de cultura, definindo-as como elementos primordiais à análise de uma abordagem sistêmico-funcional da linguagem.

Para Halliday e Hasan (1989), o contexto de cultura pode ser entendido como o ‘pano de fundo’ em que a interação está inserida, disponibilizando um potencial de realização de significados (potencial semiótico). Dessa forma, Eggins (1994) afirma que o estudo do contexto de cultura permite a observação de como a língua é estruturada para o uso. Para tanto, torna-se necessário estudar as interações autênticas e completas, de modo a “*...describe how people use language to achieve culturally appropriate goals, thorough the concept of genre*” (Eggins,1994:25).

Assim, entendemos que a cultura do falante está refletida na interação e, por isso, a interpretação dos significados realizados depende dos aspectos socioculturais da situação em que os falantes estão inseridos. Nesse sentido, segundo Macêdo (1999:35), o contexto de cultura é mais abrangente e, por meio dele, o propósito geral de uma interação é descrito, bem como os passos tomados para o propósito ser alcançado.

Quanto ao contexto de situação como elemento que determina a construção do texto, Costa (2003:25) diz que, por meio dele, podemos identificar o que está sendo abordado na interação, assim como a forma como o falante utiliza a língua para comunicar seus propósitos interlocucionais. Podemos também fazer suposições sobre o tipo de relação existente entre os participantes de um evento. A partir do contexto de situação, percebemos, de maneira mais imediata, a influência do ambiente no qual se concretiza a interação.

Para Halliday, os contextos de cultura e de situação são a base para a análise lingüística, abarcando o todo discursivo, posto que tanto as escolhas léxico-gramaticais quanto a organização do texto são definidas por esses contextos.

Segundo Halliday, o contexto de situação é constituído pelas três variáveis do discurso: campo (field); relações (tenor) e modo (mode), chamadas por ele de variáveis de registro. Cada uma das três variáveis de registro possui uma relação estreita com as três metafunções comentadas anteriormente, no item 1.1.1.

O campo do discurso refere-se ao assunto sobre o qual se trata numa dada situação comunicativa, ou seja, são as representações do falante no que diz respeito aos fatos do mundo. É expresso pela metafunção ideacional e é realizado na léxico-gramática pelas escolhas do sistema de transitividade. As relações do discurso referem-se aos interlocutores envolvidos na interação, ao papel que desempenham esses participantes e às relações interpessoais que eles estabelecem nas interlocuções. Essa variável é expressa pela metafunção interpessoal e é realizada pelos sistemas de modo e de modalidade. O modo do discurso refere-se à maneira como o processo interativo é realizado, à maneira como o falante constrói sua mensagem para atingir seus propósitos comunicativos. É expresso pela metafunção textual e é realizado pelo sistema tema/ rema.

Em outras palavras, em uma interação, as pessoas tratam sobre um dado assunto com outras pessoas que tenham opiniões concordantes ou dissonantes, expressando tais opiniões de uma determinada maneira. Portanto, as três variáveis de registro caminham juntas em um todo discursivo.

Neste trabalho, verificamos a influência que o contexto de situação exerce sobre as cartas coletadas. Assim, intencionamos mostrar como os acontecimentos sociais influenciam na maneira como o falante expõe a sua realidade, ou seja, como o falante comunica ao outro o que pensa e sente acerca do tema abordado nas cartas e também como constrói os significados interpessoais.

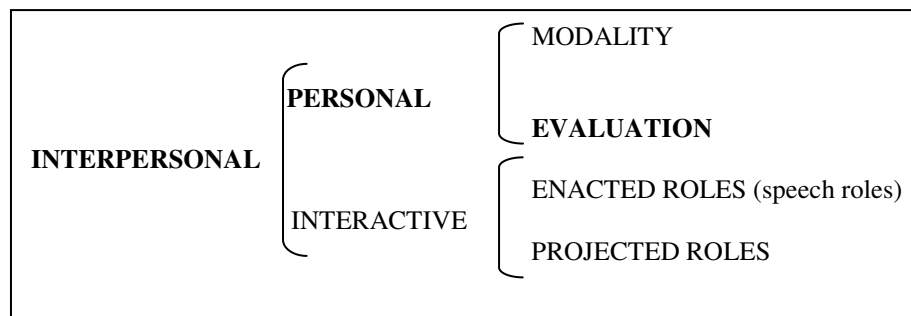
1.2. A Interpessoalidade

Conforme já visto, no âmbito da interpessoalidade são expressos significados relativos à interação entre os participantes, que indicam o relacionamento existente entre ambos e revelam o grau de comprometimento e de responsabilidade do falante com a informação transmitida.

Para Halliday e Hasan (1989:20), assim como as demais metafunções, a interpessoalidade permite interpretar o processo de interação social como um modo de fazer significados. A linguagem, do ponto de vista interpessoal, é uma maneira de o falante agir, atuar, interferir no comportamento do interlocutor; é vista, portanto, como um meio de ação, uma vez que é um instrumento de produção de significados que direciona a atuação do falante sobre os fatos da realidade e sobre seu interlocutor, conforme enfatizamos na parte introdutória deste trabalho.

A análise, no âmbito da metafunção interpessoal, revela o tipo de relação social que se estabelece entre os participantes do evento, e o discurso revela posições do falante em relação ao que ele diz, em relação ao conteúdo do que diz e em relação àquele com quem interage. A investigação do modo como as *personas* textuais são construídas e como as relações interpessoais são administradas pelos participantes do evento comunicativo pode levar a uma série de constatações sobre os significados que são realizados na interação.

Thompson (1996:69) divide a metafunção interpessoal de Halliday em dois componentes: o pessoal, que considera a modalidade e a avaliação como intervenções pessoais do falante e o interativo que abarca os papéis desempenhados ou funções de fala, e os papéis projetados, considerados por Thompson como dirigidos à interação entre falante e ouvinte. A posição de Thompson é ilustrada pelo quadro abaixo:



Quadro 1: Aspectos da interpessoalidade (p.69)

Neste trabalho, interessa-nos o componente pessoal, mais especificamente, a avaliação presente nas cartas.

1.3. A Linguagem da Avaliação

Num primeiro momento, reunimos as várias terminologias¹⁰ usadas pelos estudiosos para falar sobre **avaliação**. Lyons (1977) usa o termo **‘conotação’**; Besnier (1993) prefere **‘afeto’**; Halliday (1994) utiliza **‘atitude’**; Conrad e Biber preferem **‘ponto de vista’**; Martin (2000) utiliza a expressão **‘appraisal’**. Thompson (2000), tentando abarcar as definições e terminologias dos estudiosos citados acima, adota a expressão **‘avaliação’** que, segundo ele, é um termo generalizador dos sentimentos e das opiniões do falante, porque *“permite ao falante avaliar, como também, permite falar sobre os valores atribuídos às entidades ou proposições que são avaliadas”*.

Como adotamos os pressupostos de Halliday, Thompson e Martin neste trabalho, usamos os termos **‘expressões atitudinais’**, **‘atitudes’**, **‘appraisal’** e **‘avaliação’** como equivalentes semânticos.

De acordo com Thompson (1996), a *“avaliação é a parte central da significação de todo texto e deve ser levada em conta em análises sobre significação interpessoal”*, apesar de *“haver poucos estudos gramaticais que ‘cuidam’ das funções avaliativas enquanto método central”* (ibid, 1996). As funções da avaliação sugeridas em Thompson (2000:06) mostram a importância que ela exerce na construção textual. As funções são:

- i) expressar a opinião do escritor e mostrar como o texto reflete o seu sistema de valor e o de sua comunidade;
- ii) construir e manter relações entre escritor e leitor;
- iii) organizar o discurso.

Apesar de as funções avaliativas estarem interligadas em textos, não é interesse desta pesquisa analisar todas elas. Atemo-nos, assim, à primeira função avaliativa

¹⁰As terminologias avaliativas citadas neste trabalho foram extraídas de Thompson (2000:02)

que, dentre as três listadas por Thompson, é a mais realizada nas cartas. Desse modo, este trabalho analisa como os recursos lingüísticos são empregados pelos escreventes para mostrar sua opinião em relação a um assunto que ‘mexeu’ com as pessoas da comunidade e assim mostrar como, nas cartas, estão refletidos os valores cultivados no seio dessa comunidade.

De acordo com Thompson, expressar opinião é a função mais óbvia da avaliação porque traduz o que o escritor pensa ou sente a respeito de algo. Identificar o que o escritor pensa revela-nos mais do que apenas as idéias da pessoa, revela-nos, na realidade, a ideologia da sociedade que produziu o texto.

De acordo com Thompson (2000:13), a avaliação é reconhecida nos textos por meio de três fatores: o léxico, a gramática e o texto. Para a análise dessa pesquisa, escolhemos analisar as expressões lexicais que, de acordo com o autor, são itens claramente avaliativos no sentido de que sua função principal é a avaliação. As expressões lexicais que nos propusemos analisar são os substantivos, os adjetivos, os verbos e os advérbios.

A **Teoria da Avaliação** (Martin e White, 2005) propõe explicitar, descrever e explicar o modo como as escolhas lingüísticas são feitas para que o falante avalie, adote posicionamentos, julgue atos de outrém, aprecie elementos do mundo real.

A avaliação, ao operar como uma das realizações da função interpessoal (“tenor”, Halliday 1994), é proposta por Martin e White (2005) como um sistema que se realiza em um terceiro ciclo de codificação – a Semântica do Discurso – se se abstraírem os diferentes níveis em que se realiza a linguagem, conforme percebemos na figura a seguir:

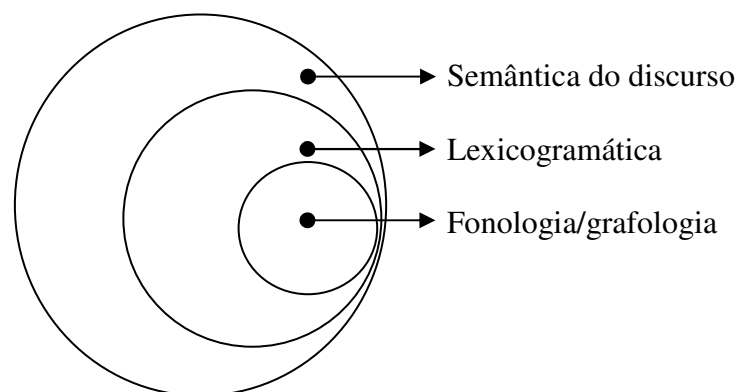


Figura 1 – Os ciclos de codificação da linguagem (Martin e White, 2005)

A Teoria da Avaliação dirige, desse modo, sua atenção para os sentidos que o texto disponibiliza. O sentido interpessoal é construído, simultaneamente, por três recursos: negociação, envolvimento e avaliação. A negociação, segundo (Martin e White, 2005: 33), “*complementa a avaliação ao focar aspectos interativos do discurso, funções de fala e estrutura de troca*”. Já o envolvimento complementa a avaliação “*ao focar recursos não-graduáveis para negociar as relações interpessoais*”. A Figura 2 apresenta os três recursos relacionados às instâncias de produção da linguagem.

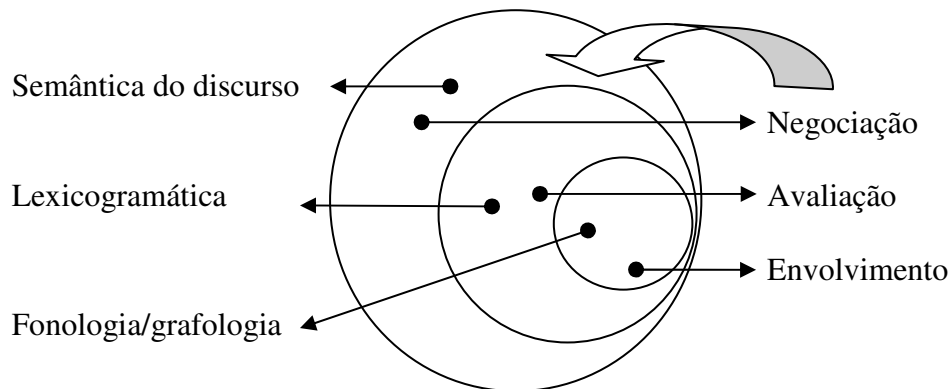


Figura 2 – Os ciclos de codificação da linguagem (adaptado de Martin e White, 2005)

A avaliação, como recurso para construir sentidos interpessoais, abrange três domínios: **Atitude**, **Engajamento** e **Gradação**, conforme percebemos na figura a seguir

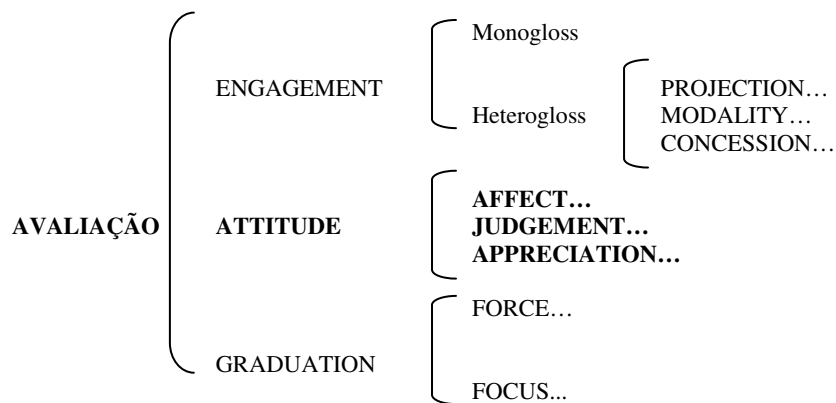


Figura 03: Os três domínios da Avaliação (adaptado de Martin e Rose, 2003:54)

Os três domínios expostos na figura 3 realizam-se através de elementos lexicogramaticais, baseados na semântica do discurso, conforme explicitados no quadro a seguir:

Semântica do discurso	Lexicogramática
Negociação - função de fala - troca	Modo perguntas de confirmação
Avaliação - Atitude - Afeto - Julgamento - Apreciação - Engajamento - Gradação	Léxico avaliativo verbos modais adjuntos modais polaridade pré/numeração intensificação repetição modo; extensão lógico-semântica vocalização
Envolvimento - nomeação - tecnicidade - abstração - antilinguagem - juramento	Nomes próprios léxico técnico léxico especializado gíria léxico tabu metáfora gramatical

Quadro 2: Recursos Lexicogramaticais (Martin e White, 2005: 35)

Vale a ressalva de que, neste trabalho, não tratamos dos três domínios da avaliação. O objetivo desta pesquisa é direcionado para as categorias atitudinais propostas em Martin (2000) e Martin e Rose (2003), quais sejam, **afeto**, **julgamento** e **apreciação**.

1.3.1. Atitude

O posicionamento atitudinal faz referência à avaliação positiva ou negativa acerca de pessoas, lugares, coisas, acontecimentos, estados de coisas, etc. É objetivo da **Atitude** fazer uma avaliação negativa ou positiva por parte do escritor ou convidar o leitor a fazê-lo. Entretanto, o posicionamento atitudinal nem sempre está explícito no texto e também não se refere apenas à qualificação de coisas e seres como bons ou ruins por meio do uso de qualificadores. Estando implícito, pode ser desvendado com o auxílio do contexto em que está inserido (Martin, 2000).

A Atitude apresenta, segundo Martin (2000) e Martin e Rose (2003), três categorias avaliativas: (i) posicionamento afetivo, (ii) posicionamento ético e (iii) posicionamento estético, denominadas pelos autores (i) **Afeto**, (ii) **Julgamento** e (iii) **Apreciação**. Para os autores, “(...)devemos considerar como os interlocutores estão se sentindo, os julgamentos que eles fazem e o valor que atribuem aos inúmeros fenômenos de suas próprias experiências (2003:58).

1.3.1.1. Afeto

Linguisticamente, o **Afeto**, que se refere a disposições emocionais positivas e negativas, pode ser indicado por verbos de emoção (processos mentais, por exemplo, ‘gostar’, ‘odiar’, ‘desanimar’), advérbios (especialmente de modo, por exemplo, ‘infelizmente’, ‘amavelmente’), adjetivos (‘indignado’, ‘triste’, ‘satisfeito’) e substantivos (‘satisfação’, ‘tristeza’, ‘indignação’). As emoções, segundo os autores (Martin e Rose, 2003), são agrupadas em um dos três tipos: ‘segurança/insegurança’, ‘felicidade/infelicidade’, ‘satisfação/insatisfação’. Além disso, o Afeto pode partir do autor (primeira pessoa) ou não (segunda e terceira pessoas).

Para Martin (2000:143) e Martin e Rose (2003:58), a abordagem da avaliação preocupa-se em mapear os domínios semânticos que operam nos textos. Dessa forma, as categorizações utilizadas frequentemente podem reunir estruturas gramaticais diversas dentro de um único grupo semântico discursivo.

O **afeto** é típico nesse sentido, pois seus valores podem ser expressos na forma de qualidades – adjetivos – conforme percebemos em abundância nas cartas em análise. A transcrição extraída do texto 01 representa claramente essa classe gramatical: “Fiquei muito **indignado** com toda crise”.

Há ainda as expressões lexicais que atuam na forma de processos – verbos -, o que também constatamos nas análises realizadas, conforme percebemos no trecho, extraído do texto 01 “Tenho apenas 17 anos e não me **conformo** com esse mar de lama sem fim,...”.

Além dessas classes evidenciadas acima, há ainda a presença das nominalizações, o que comprovamos no trecho extraído da carta 10 “Sinto uma enorme **tristeza** ao ver que o Brasil não mudou...”.

Ou ainda por meio de comentários adjuntos, como comprovamos no trecho, transcrito do texto 42 “...constatamos que, **infelizmente**, a corrupção matou a esperança...”.

Segundo Martin (2000:148) e Martin e Rose (2003:59), a abordagem da avaliação enfoca os parâmetros opostos - positivo e negativo, ao classificar as diferentes situações de **afeto** em seis fatores utilizados como parâmetro de análise, conforme explicitados a seguir:

1) Os sentimentos são construídos pela cultura popular como ‘positivos’ (agradáveis) ou ‘negativos’ (desagradáveis);

“Fico indignado ao ver que ainda existem pessoas que acham haver um complô...” (T04) – sentimento negativo.

2) Os sentimentos são representados como uma onda de emoção envolvendo algum tipo de manifestação paralinguística ou extralinguística (choro ou tremores), ou são representados como experiências internas, na forma de um estado emotivo ou de um processo mental em andamento;

“...essa jovem cresceu, viu com satisfação a esperança vencer o medo e hoje chorou ao ler Veja”(T25)

“...estou decepcionado com o PT, Lula e seu governo...” (T39).

3) Os sentimentos são representados como voltados para, ou resultado de, algo específico, como direcionados a, ou como resultado de, algum estímulo emocional específico, ou como estado de espírito geral;

“ Triste e infeliz Brasil onde o povo e os governantes dançam o balé das desilusões...”. (T22).

4) Os sentimentos são classificados segundo uma escala de baixa a alta intensidade;

#Baixa: Sinto uma tristeza ao ver que o Brasil não mudou...

#Média: “Sinto uma enorme tristeza ao ver que o Brasil não mudou...”(T10).

#Alta: Sinto uma infinita tristeza ao ver que o Brasil não mudou...

5) Os sentimentos envolvem intenção em relação a um estímulo ainda não realizado (irrealis), em oposição a um estímulo já realizado (realis);

#Realis: “...estou afogado... num rio de lama e num mar de pizzas.”(T08).

#Irrealis: “...torço para que Lula cumpra até o último dia de seu mandato...”(T13).

6) As emoções podem ser reunidas em três grandes grupos ligados à ‘felicidade ou infelicidade’; à ‘segurança ou insegurança’; e à ‘satisfação ou insatisfação’. A variável ‘felicidade-infelicidade’ cobre as emoções ligadas aos “assuntos do coração” - tristeza, raiva, felicidade, amor; a variável ‘segurança-insegurança’ agrupa as emoções ligadas ao bem-estar eco-social – ansiedade, medo, confiança; e a variável ‘satisfação-insatisfação’ engloba as emoções ligadas à busca de objetivos – tédio, desprazer, curiosidade, respeito.

#Infelicidade: “Sinto uma enorme tristeza...” (T10).

#Insegurança: “Quisera eu poder acreditar que o governo petista pagará caro por essa forma de governar...”(T46).

#Insatisfação: “A estrela vermelha que eu carregava cheio de orgulho...joguei fora...” (T33).

Conforme podemos perceber, a relação entre os seis fatores de afeto é muito próxima, havendo sempre a oposição entre o negativo e o positivo. Portanto, neste trabalho será levado em consideração o afeto, enquanto expressão de sentimentos bons ou maus daqueles que escreveram as cartas. Nas ‘cartas de aceitação e de rejeição’ ao governo, são então analisadas as expressões lexicais que significam afeto positivo e negativo, a partir, somente, do fator seis da categoria **Afeto** sugerido por Martin (2000) e Martin e Rose (2003), que compreende o afeto positivo quanto à ‘felicidade’, à ‘satisfação’ e à ‘segurança’ e o afeto negativo quanto à ‘infelicidade’, à ‘insatisfação’ e à ‘insegurança’.

1.3.1.2. Julgamento

O **Julgamento** é uma avaliação atitudinal em que o autor se manifesta positiva ou negativamente quanto a comportamentos humanos ou a um conjunto de normas sociais. Julgar envolve, então, posicionamentos como ‘avaliar’, ‘elogiar’, ‘apreciar’ atos, crenças e valores. Estão envolvidos, nessa perspectiva, sistemas psicológicos e sociais como ‘capacidade e incapacidade’, ‘moralidade e imoralidade’, ‘legalidade e ilegalidade’, ‘polidez e impolidez’, entre outros.

O **juízo**, seja positivo ou negativo, nem sempre se manifesta explicitamente no texto, uma vez que pode estar implícito no conjunto da oração. Fica evidente que o ato de julgar pode variar de pessoa para pessoa ou de grupo para grupo, considerando-se a posição social e ideológica do falante.

De acordo com Martin e Rose (2003:62), o **juízo** é o campo de significados com o qual construímos nossas posições em relação ao comportamento humano – aprovação ou condenação do comportamento humano, por meio de referências à aceitabilidade e às normas sociais; avaliações do caráter de alguém ou referência do quanto esse alguém se aproxima das expectativas e exigências sociais.

A avaliação divide o **juízo** em dois grupos: aqueles que lidam com a ‘estima social’ e aqueles orientados para as ‘sanções sociais’. Segundo Martin (2000:156) e Martin e Rose (2003:62), os julgamentos de ‘sanção social’ afirmam que alguns conjuntos de regras ou regulamentos, codificados pela cultura de um povo, estão comprometidos quanto à ‘moralidade’ ou ‘legalidade’ das regras, segundo o que é determinado por esse povo. Tendo como parâmetro a perspectiva religiosa, as quebras de sanções sociais são vistas como pecados; seguindo o parâmetro jurídico, elas são entendidas como crimes. Assim, infringir uma sanção social significa submeter-se ao risco de receber punições perante a sociedade.

Os **juízos** de ‘estima social’ envolvem avaliações que podem levar a pessoa à condição de admirada ou criticada pela comunidade que a cerca. Dessa forma, valores negativos quanto à estima social são vistos como inapropriados a uma determinada situação, enquanto que os valores positivos são vistos como aqueles compartilhados e aprovados pelos membros de uma sociedade.

De acordo com Martin (2000) e Martin e Rose (2003), o **juízo**, no âmbito da ‘estima social’, pode estar direcionado à ‘normalidade’ (até que ponto alguém é estranho ou pouco usual); à ‘capacidade’ (quão capaz esse alguém é); à ‘tenacidade’ (quão determinado ele é). O **juízo** de ‘sanção social’ está relacionado à ‘veracidade’ (quão sincero alguém é) e à ‘propriedade’ (quão ético ele é), como ilustra a figura a seguir:

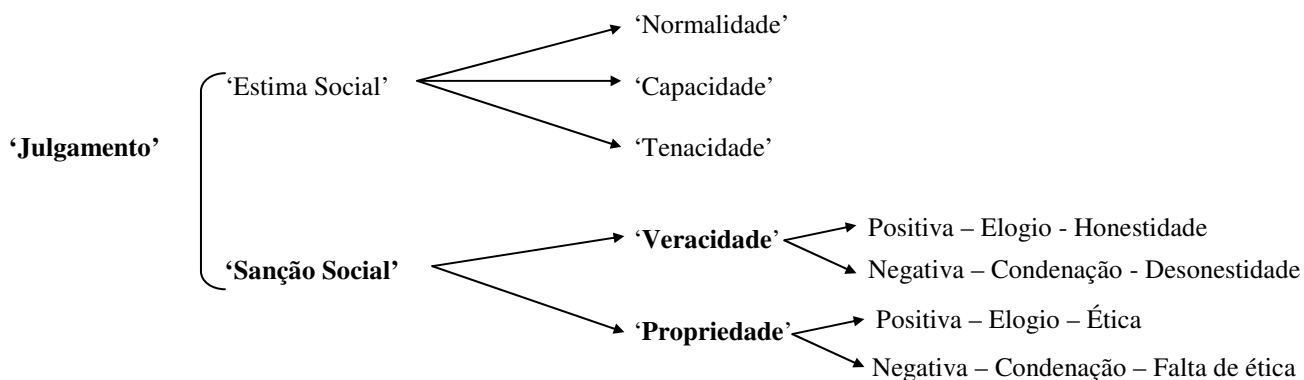


Figura 4: Categoria avaliativa **Julgamento** (Martin e Rose, 2003:62)

Para Martin, há uma relação direta entre os tipos de **juulgamento** e a semântica da modalização, articulada por Halliday (1994), isto é, cada um desses subtipos propostos por Martin pode ser entendido como a lexicalização de um dos subtipos gramaticais da modalidade.

Essa ligação entre as marcas da avaliatividade e as marcas da modalidade operam nas seguintes proporções: a ‘normalidade’ está para a ‘usualidade’; a ‘capacidade’ está para a ‘habilidade’; a ‘tenacidade’ está para a ‘inclinação’; a ‘veracidade’ está para a ‘probabilidade’; e a ‘propriedade’ está para a ‘obrigação’. No entanto, não vamos aqui nos ‘aventurar’ no estudo da modalidade, uma vez que nosso objetivo é a análise das atitudes do escritor segundo as categorias avaliativas tão somente.

O ato de julgar parece comum às pessoas, pois é natural que se queira construir valores e se queira segui-los, segundo os padrões impostos pela sociedade. Desse modo, cremos que a atitude avaliativa **juulgamento**, devido às características do *corpus* escolhido para a análise, deverá ser uma atitude recorrente nas cartas.

A seguir, adequamos um quadro, contextualizado a partir do nosso *corpus* de análise, em que podemos perceber com mais clareza os parâmetros de estima social: positiva (admiração) e negativa (crítica); e de ‘sanção social’: positiva (elogio) e negativa (condenação).

ESTIMA SOCIAL	POSITIVA (admiração)	NEGATIVA (crítica)
<i>Normalidade</i> (costume) O comportamento do indivíduo é pouco usual, especial, comum	Brava (R ¹¹ 15) Feliz (R25)	Mar de lama (R01); Deslumbrado (R16); Infeliz (R22)
<i>Capacidade</i> O indivíduo é capaz, é competente	Bom (R11)	Incompetência (R02) Despreparado (R12)
<i>Tenacidade</i> (resolução) O indivíduo é confiável, bem disposto.	Popular (A ¹² 03)	Irresponsáveis (R06)
SANÇÃO SOCIAL	POSITIVA (elogio)	NEGATIVA (condenação)
<i>Veracidade</i> (verdade) O indivíduo é honesto ou desonesto.	Honesto (A03)	Sujo (R01); Desonesto (R01); Falso (R11)
<i>Propriedade</i> (ética) O indivíduo é ético, acima da crítica.	Nobre (R29)	Corrupção (R03); Mafioso (R11); Mesquinha (A03); Perversa (A03); Falta de respeito (R21); Falta de ética (R21).

Quadro 3: Parâmetros de **Julgamento** (baseado em Martin e Rose, 2003:62)

O foco de análise neste trabalho são os elementos atitudinais de **juízo** voltados para a ‘sanção social’, em função da temática do *corpus*. O posicionamento dos escreventes quanto ao mensalão permite-nos verificar os valores impostos socialmente, como a honestidade e a ética dos governantes petistas, razão que justifica a escolha da ‘sanção social’.

1.3.1.3. Apreciação

A **Apreciação** difere do julgamento na medida em que constitui uma avaliação positiva ou negativa de objetos, seres, processos e estados de coisas. De acordo com Martin e Rose (2003:63), a **apreciação** é o campo dos significados usados para construir avaliações dos produtos de trabalho humano, como também de fenômenos naturais e estados de coisas. É a avaliação estética da composição, estrutura e forma, da apresentação, do conteúdo e da disposição de objetos e artefatos relativos a obras de arte, indústria, construções arquitetônicas, livros, instrumentos científicos e de uso cotidiano, bem como dos fenômenos naturais e dos objetos semióticos.

¹¹As expressões lexicais denominadas em “R” referem-se àquelas extraídas das cartas de rejeição ao governo.

¹²As expressões lexicais denominadas em “A” referem-se àquelas extraídas das cartas de aceitação ao governo.

Vale a ressalva de que os sujeitos humanos também podem ser ‘apreciados’ ao invés de ‘julgados’, porém, somente naquelas situações em que suas qualidades estéticas estiverem sendo discutidas, sem que a avaliação recaia sobre a aceitabilidade social de seus comportamentos.

Segundo Martin e Rose (2003:64), a categoria **apreciação** pode ser subdividida em três tipos avaliativos:

1) aquele que se refere à nossa ‘reação’ diante das coisas, ou seja, como nos comportamos diante do que acontece ao nosso redor. Neste tipo apreciativo, precisamos saber se as coisas chamam a nossa atenção ou nos agradam de alguma forma;

2) aquele que se refere à ‘composição’ das coisas, ao seu equilíbrio ou balanço, isto é, se as coisas estão equilibradas ou não, se nos parecem bem elaboradas, se nos parecem complexas ou simples de resolver;

3) aquele que se refere ao ‘valor’ das coisas, ou seja, se as coisas valem ou não à pena, se são importantes ou não, se são significativas ou não, se são inovadoras ou não, se são valorosas ou não.

A seguir, adequamos um quadro, contextualizado a partir do nosso *corpus* de análise, em que podemos perceber, com mais clareza, os níveis de apreciação positivo e negativo.

APRECIÇÃO	POSITIVA	NEGATIVA
Reação: impacto “Isso mexeu comigo”	Incrível (R27)	Deplorável (R26)
Reação: qualidade “Eu gostei disso”	Obra-prima(R11)	Lamentável (R 09) Vergonhosa (R14)
Composição: equilíbrio “Isso me parece bem elaborado”	Sério (R30)	Inconsciente (R37)
Composição: complexidade “Isso foi difícil de entender”	Clara (R09) Simplicidade (R28)	Complexo (R30)
Valorização:valor “Isso valeu a pena”	Melhor coisa (R44)	Caro (R46)

Quadro 4: Parâmetros da **Apreciação** (baseados em Martin e Rose, 2003:64)

Este trabalho, porém, não enfoca os três tipos de apreciação, conforme percebemos na figura 5, porque devido à temática das cartas, somente um é, significativamente, usado. É dado ênfase ao tipo 1, que trata da **reação** das pessoas diante das coisas, posto que os textos ilustram a **reação** dos leitores quanto à temática do mensalão.

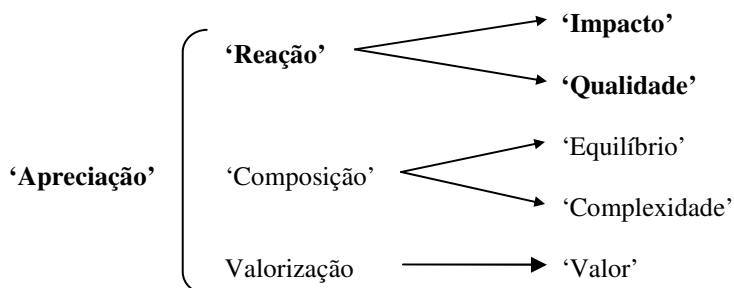


Figura 5: A categoria avaliativa **Apreciação** (Martin e Rose, 2003:63)

Ainda de acordo com Martin e Rose, devemos enfatizar o fato de que, embora a abordagem da avaliação procure ampliar as noções do que é considerado ‘afetivo’, ela ainda considera as três categorias como diretamente interligadas, estando entrelaçadas na medida em que todas têm a ver com a expressão de ‘sentimentos’. A diferença é que a fundamentação desses sentimentos varia ao longo dos três modos.

Conforme Figueiredo (2004),

“ No afeto, a ação da emoção é indicada de forma direta – os sentimentos são apresentados como reações incidentais e personalizadas de sujeitos humanos a algum estímulo. No entanto, ao considerarmos tanto o julgamento quanto a apreciação, esses sentimentos são, de alguma forma, institucionalizados e reapresentados como qualidades inerentes ao fenômeno avaliado em si’. (p.183).

Dessa forma, na construção “(...) **concordo** em todos os pontos com o querido e sempre atuante (...)” (R38), percebemos a avaliação ancorada nas reações momentâneas e individuais do falante, enquanto que na construção “A ultima edição(...) é uma **obra-prima** (...)” (R11), a avaliação passa a estar ancorada na objetividade do fenômeno avaliado em si.

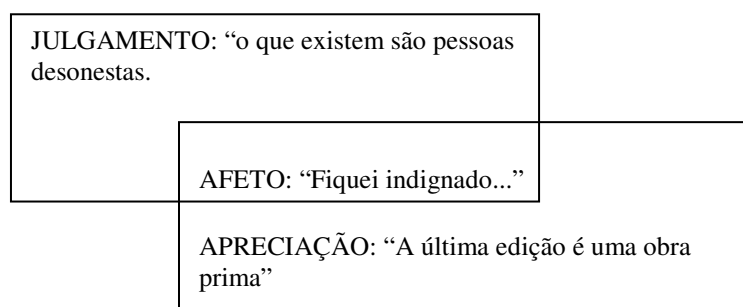
No caso específico do julgamento, os sentimentos são reconstruídos como propostas sobre a forma correta de comportamento, segundo os padrões sociais, ou seja, como

deveríamos ou não nos comportar, conforme já detalhamos neste trabalho. Assim, no trecho “(...) O que existem são pessoas **desonestas** que ingressam nas empresas, nos partidos e nos governos”, o sentimento negativo em relação aos agentes deste ato é reconstruído a partir de uma proposta sobre quais são as formas honestas e desonestas – corretas e incorretas de se agir perante a sociedade. Na análise da apreciação, os sentimentos são reconstruídos como proposições sobre o valor das coisas. Logo, ao analisarmos o trecho: “A última edição (...) é uma **obra-prima**”, o sentimento positivo em relação à edição é rerepresentado como uma proposta sobre o valor estético da edição da revista.

De acordo com Martin (2000), o papel central do afeto em formas institucionalizadas de sentimentos pode ser demonstrado a partir do quadro:

Sentimentos institucionais como

Ética-moralidade (regras e regulamentos)



Sentimentos institucionalizados como

Estética-valor (critérios e avaliação)

Quadro 5: Julgamento e Apreciação como afeto institucionalizado (Martin, 2000)

Concluindo, a este trabalho, interessa o elemento avaliativo do componente pessoal, responsável pelos julgamentos e posição do falante quanto à temática abordada nas cartas examinadas, uma vez que tem como objetivo analisar as diversas manifestações dos autores das cartas em relação ao que sentem e pensam sobre o assunto tratado. Ao externarem seu **afeto** positivo (felicidade, satisfação, segurança) e negativo (infelicidade, insatisfação, insegurança); **julgamento** positivo (elogio) e negativo (condenação) e **apreciação** positiva (admiração) e negativa (crítica), os escreventes das cartas emitem suas opiniões em relação à temática da matéria publicada na revista, por meio de expressões avaliativas.

CAPÍTULO II

OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2. INTRODUÇÃO

Na primeira parte deste trabalho, expusemos os princípios da Abordagem Funcionalista da Linguagem – base teórica desta pesquisa, fundamentada em Halliday (1994), juntamente com os conceitos da interessoalidade (Thompson, 1996) e, mais especificamente, de *appraisal* (Martin, 2000 e Martin e Rose, 2003). Este capítulo, segunda parte do trabalho, objetiva apresentar e descrever o *corpus*, o contexto de situação e os procedimentos utilizados para a coleta e para a análise dos dados.

2.1. As Cartas do Leitor

O *corpus* deste trabalho é constituído de cinquenta cartas da seção ‘Cartas do Leitor’ da revista *Veja*, publicada pela editora abril. Escolhemos este gênero textual para objeto de estudo devido ao seu caráter opinativo. Essas cartas trazem reações de leitores quanto às reportagens veiculadas pela revista, abrindo, dessa maneira, um espaço interativo no qual pontos de vista de leitores - comentários, elogios, críticas, esclarecimentos etc., são registrados, publicados e, por extensão, respondidos, ou pelo próprio editorial da revista em questão ou – o mais recorrente – por outros leitores interessados em expressar concordância ou dissonância com uma opinião dada.

As cartas são textos escritos, que se caracterizam como apoio ou crítica aos fatos de caráter político, produzidos, provavelmente, por pessoas que se interessem pela vida política do país e dirigidos ao público-leitor da respectiva seção.

A seção “Cartas do Leitor” permite que diferentes pessoas, de graus de instrução variados, posicionem-se diante de assuntos geralmente polêmicos e, a partir desse posicionamento, interajam com os leitores a fim de conseguirem o seu apoio. A partir da leitura dos textos, torna-se possível interpretar as possíveis intenções de quem escreve, como também a relação que compactua com seus interlocutores.

A possibilidade de compreender de que forma os escreventes das cartas, pessoas reais, em situações concretas de comunicação, utilizam a linguagem, como recurso para atuar sobre a sua realidade e as diversas finalidades que os estimulam ao uso da língua de uma determinada maneira, fazem das cartas escolhidas, um material adequado à análise da interessoalidade. Assim, confirmamos aqui o que Halliday (1989) afirma acerca da importância do texto:

"O texto é a instância de uso da linguagem viva que está desempenhando um papel em um contexto de situação. Assim, enquanto o texto pode ser previsto a partir de pistas contextuais, o contexto é construído pelo conjunto de textos produzidos dentro de uma situação específica num contexto da cultura".
(p.10)

2.2. O Contexto das Cartas

Seguindo a teoria sugerida por Halliday no capítulo 1 deste trabalho, podemos descrever o ambiente situacional das cartas, segundo as variáveis do discurso. São elas:

- i) o **campo** do discurso;
- ii) as **relações** do discurso;
- iii) o **modo** do discurso.

2.2.1. O campo do discurso

O **campo do discurso** refere-se, sobretudo, à natureza do evento social, ao que está acontecendo.

O assunto recorrente no período das publicações – entre maio e agosto de 2005 – foi o “escândalo do *mensalão*”. *Mensalão* foi o nome dado à crise política sofrida pelo governo brasileiro em 2005. O neologismo ‘mensalão’, popularizado por Roberto Jefferson – hoje deputado cassado – é uma variante do vocábulo ‘mensalidade’, que fazia alusão a uma suposta ‘mesada’, concedida a deputados que votavam a favor de projetos de interesse do Poder Executivo. O assunto virou polêmica e tornou-se manchete em todos os veículos midiáticos, sendo divisor de opiniões: enquanto uns condenavam a prática governamental

petista, outros se solidarizavam com o referido governo, acreditando em sua inocência em relação ao escândalo.

Esse tipo de temática, de repercussão nacional, parece-nos apropriada para os objetivos em função dos quais direcionamos nossa análise. Sendo polêmico e ‘dividindo’ opiniões, o caso do *mensalão* oferece recursos lexicais para elementos que tendam tanto para a *aceitação* quanto para a *recusa* de quem interage.

2.2.2. As relações do discurso

O **teor** ou **relações do discurso** trata, como sugere o termo, das relações estabelecidas entre os participantes de uma interação, sempre norteadas pelos:

- i) grau de formalidade (reserva) e informalidade (intimidade) entre os falantes;
- ii) relações de poder de quem domina ou não a relação dialógica.

Essa variável evidencia a intensidade do contato entre os interactantes e “*proporciona o reconhecimento dos papéis e das identidades sociais*” (Eggins, 1994:230). Com base nas relações do discurso, verificamos itens lingüísticos que evidenciam o grau de engajamento, de comprometimento, de responsabilidade do escrevente em relação ao conteúdo de suas asserções.

Na interação analisada, são três os participantes envolvidos: o escrevente, produtor do texto, cidadão comum, satisfeito ou insatisfeito com as matérias publicadas pela revista Veja; a própria revista Veja, que é o elemento reclamado ou elogiado em função das matérias que publica, logo, interage diretamente com seus leitores; e, finalmente, um terceiro participante da interação, dessa vez, não tão ativo pelo papel que desempenha – o público leitor, pessoa com quem interage tanto a revista, ao publicar suas matérias, como também o escrevente das cartas, quando busca apoio em relação ao que escreve.

2.2.3. O modo do discurso

Em relação ao **modo do discurso**, as críticas e os elogios feitos à revista *Veja* são concretizados por meio de textos escritos, nos quais sobressai o ‘tom’ formal, dadas as características do contexto - opiniões emitidas em uma revista de grande circulação, tida como ‘séria’, cujos participantes - argumentadores em busca da aprovação das opiniões – não se conhecem, o que marca, assim, a distância entre eles.

Contudo, há registros de declarações em tom menos formal, principalmente, nos momentos em que o escritor tenta buscar a cumplicidade de seus interlocutores imediatos - os outros leitores.

O escrevente tende a aproximar sua linguagem da modalidade oral, fazendo uso do discurso direto e, para dar ênfase a certos elementos da oração, utiliza também letras maiúsculas, negrito, aspas, repetição, etc. - recursos que podem substituir, na linguagem escrita, por meio de manifestações gráficas, recursos de entoação e expressões faciais, só praticáveis na interação oral.

O retorno dado pelos escreventes das cartas marca uma continuidade da relação interativa entre os leitores e a revista *Veja* e também vem marcado pela linguagem por meio de elementos de referência a textos anteriores, fazendo com que a ligação de uma carta a um texto veiculado marque uma seqüência em cadeia dessa correspondência, desse relacionamento.

2.3. Procedimentos de Coleta

Os textos foram coletados da seção “Cartas do Leitor” publicada na Revista *Veja*, durante o período que compreende de maio a agosto de 2005, obedecendo a alguns critérios para a seleção:

- i) somente publicações com a temática ‘mensalão’;
- ii) cartas que fizessem elogio/crítica aos políticos petistas;
- iii) cartas que fizessem elogio/crítica à revista *Veja*;
- iv) cartas que apresentassem elementos avaliativos explícitos.

A razão maior para se coletarem dados a partir de uma temática acentuadamente polêmica, como ressaltado ao longo deste segundo capítulo, está na possibilidade de se examinar tanto atitudes ‘negativas’ quanto ‘positivas’ dos escreventes das cartas.

2.4. Procedimentos de Análise

Neste trabalho, a partir da abordagem sistêmico-funcional elaborada por Halliday (1994), da interpessoalidade, especialmente apoiada em Thompson (1996) e de *appraisal* fundamentada em Martin (2000) e Martin e Rose (2003), buscamos analisar as expressões lexicais, segundo a abordagem da avaliação, que propõe aos significados atitudinais o agrupamento em três campos semânticos interligados pela emoção: o **afeto**, o **juízo** e a **apreciação**, nas cartas sob análise.

Para a análise das cartas, procedemos da seguinte maneira:

- i) divisão das cartas em dois tipos de resposta: ‘aceitação’ e ‘rejeição’ (Thompson, 1996) ao governo petista;
- ii) identificação das expressões lexicais avaliativas indicadoras de atitude;
- iii) distribuição das expressões lexicais avaliativas nos tipos das categorias atitudinais utilizadas como parâmetro de análise: **afeto**, **juízo** e **apreciação**;
- iv) divisão dos itens lexicais em classes gramaticais a fim de perceber a classe que predomina como recurso mais utilizado pelo escrevente para emitir atitudes opinativas.

Num primeiro momento da análise, selecionamos as cartas e as dividimos em ‘cartas de aceitação’ e ‘cartas de rejeição’ ao governo petista. Adotamos como critério de análise para as ‘cartas de aceitação’:

- i) aquelas em que seus autores mostravam-se solidários e complacentes aos governantes petistas, apoiando-os e acreditando na inocência deles referente à discussão do mensalão;
- ii) aquelas que criticavam a revista Veja pelas matérias publicadas e pelo comportamento imparcial.

As ‘cartas de rejeição’ ao governo petista foram agrupadas conforme os seguintes critérios:

iii) aquelas que criticavam as ações dos governantes petistas em relação ao mensalão;

iv) aquelas que elogiavam a revista *Veja* pelas matérias publicadas.

Partimos dessa divisão das cartas em ‘aceitação’ e ‘rejeição’, para analisar, nos âmbitos positivo e negativo, os sentimentos, os julgamentos e as apreciações dos escreventes em relação às pessoas e às coisas de que tratam em seus textos.

Separadas as cartas nesses dois grupos principais, marcamos as expressões lexicais que denotam as categorias avaliativas de **afeto**, de **julgamento** e de **apreciação**. Vale a ressalva de que cada categoria avaliativa possui uma divisão em tipos e subtipos que já foram ilustrados no capítulo I deste trabalho¹³. No entanto, para embasar nosso estudo, não adotamos todas as divisões sugeridas por Martin (2000) e Martin e Rose (2003). O critério que utilizamos foi:

Na categoria **afeto**, Martin e Rose (2003) adotam seis tipos de afeto que embasam os sentimentos das pessoas. No nosso trabalho, adotamos apenas o tipo seis que, ao nosso ver, satisfaz a análise de nosso *corpus*, já que concentra as emoções do falante segundo três princípios: ‘felicidade e infelicidade’; ‘satisfação e insatisfação’; ‘segurança e insegurança’, o que nos permite avaliar os sentimentos das pessoas como positivos ou negativos, dependendo das escolhas lexicais que fazem e do contexto em que estão inseridas. A categoria **afeto** é ainda classificada por Martin (2000) em autoral e não autoral, porém, em nossa análise, consideramos apenas os sentimentos autorais, ou seja, aqueles em que os escreventes das cartas expõem seus sentimentos e pensamentos, seja em relação à governabilidade petista, seja em relação à revista *Veja*.

¹³conforme expostos nas pág. 33 - 41

Na categoria **juízo**, Martin e Rose (2003) adotam dois tipos de divisão: a ‘estima social’ e a ‘sanção social’ para julgar o comportamento das pessoas na sociedade em que vivem. No entanto, neste trabalho, adotamos apenas o tipo que faz referências à ‘sanção social’ por considerarmos que, na temática escolhida como *corpus*, os escreventes condenam ou elogiam o comportamento das pessoas sobre quem falam. O tipo ‘sanção social’ trata de alguns conjuntos de regras ou regulamentos, que estão comprometidos quanto à ‘moralidade’ ou ‘legalidade’ das regras, segundo o que é determinado pela sociedade. A ‘sanção’ está subdividida em ‘veracidade’ e ‘propriedade’ – subtipos que examinam o comportamento das pessoas quanto à ‘honestidade’ e à ‘ética’ – valores questionados freqüentemente pelos escreventes das cartas, motivo maior que nos faz adequar a importância deste subtipo à análise de nosso trabalho.

A categoria **apreciação**, por sua vez, é apresentada pelos autores com uma divisão em três tipos: ‘reação’, ‘composição’ e ‘valorização’. No entanto, consideramos como adequada à execução de nossa análise, apenas o tipo ‘reação’ com seus subtipos ‘impacto’ e ‘qualidade’. Escolhemos a ‘reação’ para ser examinada em nosso *corpus*, justamente porque é ela quem dá mais consistência às cartas, uma vez que as cartas denotam a reação dos escreventes em relação às matérias lidas, no momento em que tecem apreciações elogiosas ou depreciativas em relação ao elemento de que tratam em seus textos.

Além da análise das categorias avaliativas, ainda verificamos as classes gramaticais mais e menos utilizadas pelos escreventes em cada categoria e as possíveis explicações para tais escolhas, tendo como base os comentários, apoiados em Martin e Rose (2003), sobre as ‘categorizações das estruturas gramaticais diversas’.

Após a análise de cada categoria avaliativa, fizemos a conclusão parcial, justificando, segundo o contexto situacional em que estão inseridas e as prováveis intenções dos escritores das cartas, a mais recorrente e a menos recorrente, para que assim, entendêssemos melhor as atitudes e os sentimentos dos escritores, na difícil tarefa de tecer considerações, principalmente, relacionadas a um assunto polêmico que trata sobre a política em nosso país.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS

3. INTRODUÇÃO

Este capítulo tem como objetivo mostrar as escolhas lexicais atitudinais encontradas no *corpus*, fazendo uma análise funcional das categorias de *appraisal*, a fim de comprovarmos a contribuição dessas categorias para a construção dos significados interpessoais, evidenciando as prováveis intenções comunicativas dos escritores das cartas, no contexto político-social em que estão inseridos. A análise é feita baseando-se nos parâmetros de *appraisal*, concebidos por Martin (2000) e Martin e Rose (2003), fundamentados pela metafunção interpessoal da linguagem, da maneira como é concebida por Halliday (1994) e Thompson (1996).

Conforme foi explorado na fundamentação teórica deste trabalho, Halliday declara que o falante constrói sua mensagem de uma determinada maneira dependendo dos resultados que pretende atingir. Para o autor, “(...) a língua é moldada de acordo com os objetivos para os quais ela serve” (1994:44). Assim, por meio da linguagem, o falante, ao comunicar, externa valores, compartilha experiências, revela sentimentos, tece apreciações, julga comportamentos, emociona-se, agindo, dessa forma, sobre o outro e sobre a sua realidade. Esse agir sobre o mundo e sobre o outro é concretizado por meio de escolhas lingüísticas que revelam os significados negociados na construção textual.

Entendemos o texto como um espaço de negociação de significados entre escritor e leitor, em que aquele realiza os significados pretendidos segundo sua relação com o outro, suas intenções comunicativas e seus mais variados interesses; logo, de acordo com Martin (2000: 145), “(...) um diálogo [...] é mais do que uma simples troca de bens e serviços ou de informações. Mais de perto, vemos as emoções, os julgamentos e os valores em torno dos quais a negociação ocorre”.

De acordo com Martin (2000:145), *devemos levar em conta como os interlocutores se sentem; os julgamentos que eles fazem e o valor que eles atribuem aos*

inúmeros fenômenos de suas próprias experiências”, considerando que a “avaliação é a parte central da significação de todo texto e deve ser levada em conta em análises sobre significação interpessoal”(Thompson, 1996), apesar de “haver poucos estudos gramaticais que ‘cuidam’ das funções avaliativas enquanto método central”(ibid, 1996).

Retomando Martin (2000), que diz que nas interações verbais o falante externa seus sentimentos, suas opiniões e suas atitudes em relação ao outro ou em relação a algum estímulo qualquer, discutimos o valor que têm as expressões atitudinais no contexto em que estão inseridas, para que assim cheguemos às possíveis intenções dos escritores das cartas, no momento em que expõem seus afetos e desafetos, expressam julgamentos de valor, tecem apreciações de solidariedade ou de repulsa em relação aos envolvidos no escândalo político do mensalão.

Segundo Martin (2000), a abordagem da avaliação faz uma distinção em termos de como os significados podem ser ativados em textos: por meio de expressões atitudinais explícitas e por meio de ativações implícitas – termos que, geralmente, ‘carregam’ um significado positivo ou negativo. No entanto, mais arriscadas e problemáticas são as ativações que dependem da leitura do implícito para que cheguemos a alguma conclusão. Para o autor, essas avaliações implícitas levantam problemas teóricos e analíticos que podem comprometer as conclusões feitas pelo analista, uma vez que, ao passarmos da ativação direta para a indireta, passamos do campo semântico para o campo pragmático, ou seja, deixamos de analisar significados vistos como inscritos no texto para analisar significados que apenas operam no contexto e no co-texto.

Considerando a dificuldade teórica e analítica das ativações implícitas expostas em Martin (2000), preferimos não analisá-las. Escolhemos analisar as categorias de *appraisal* realizadas por expressões lexicais explícitas.

Conforme dito no capítulo metodológico, das 50 cartas selecionadas, alguns escreventes posicionam-se ou a favor do governo petista ou contra seus integrantes, o que acontece, na maior parte das análises, de maneira explícita. Entretanto, também temos como concluir se a carta é de aceitação ou de rejeição ao governo, por meio da manifestação dos escritores em relação à revista Veja, posto que, em algumas cartas, seus escritores preocupam-se mais em elogiar as matérias divulgadas pela revista, que denegriam a imagem

dos políticos petistas, sendo, então, caracterizadas como cartas de rejeição ao governo petista; em outras cartas, porém, os escritores já se preocupam em criticar o posicionamento da revista, questionando, inclusive, sua imparcialidade, fazendo-nos constatar que se trata de cartas de aceitação ao governo petista.

Após a divisão dos textos em “Cartas de Aceitação ao Governo Petista” e “Cartas de Rejeição ao Governo Petista”, separamos os valores atitudinais intencionados pelos escritores das cartas, de acordo com a base teórica proposta por Martin (2000) e Martin e Rose (2003).

3.1. Afeto

A categoria avaliativa **afeto** é, de acordo com Martin, aquela que avalia “*os sentimentos das pessoas em bons ou maus, positivos ou negativos. No afeto, a ação da emoção é indicada de forma direta – os sentimentos são apresentados como reações incidentais e personalizadas de sujeitos humanos a algum estímulo*” (2000:152).

Na análise aqui feita, destacamos somente o afeto autoral, isto é, os sentimentos positivos e negativos dos escritores das cartas, sem que nos preocupemos com o afeto não autoral - as expressões que evidenciam, dentro do texto, sentimentos de outras pessoas.

Martin (2000; 2003) detalhou o afeto em seis tipos, já expostos e exemplificados no capítulo I¹⁴. No entanto, conforme já discutido no capítulo metodológico, a nossa análise está baseada apenas no tipo seis, que classifica as emoções em três grandes grupos: ‘felicidade ou infelicidade’; ‘satisfação ou insatisfação’; e ‘segurança ou insegurança’ do escritor da carta.

Escolhemos o tipo seis da categoria afeto por considerar que manifesta, de forma mais abrangente, a oposição entre os sentimentos positivos e negativos dos escreventes das cartas. Como a análise é feita em um *corpus*, cuja temática – o mensalão – baseia-se na realidade política do país, é comum perceber os escritores ora satisfeitos, felizes ou seguros;

¹⁴conforme vistos na pág. 33

ora insatisfeitos, infelizes ou inseguros com as pessoas acerca de quem extravasam seus sentimentos. Como abordamos as três categorias atitudinais propostas por Martin (2000), uma análise minuciosa de todos os tipos e subtipos de sentimentos seria uma proposta demasiadamente extensa que não cabe a este trabalho. Nossa escolha fica melhor evidenciada no quadro a seguir:

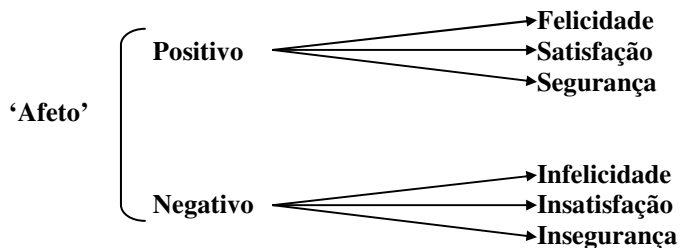


Figura 6: A categoria avaliativa **Afeto** analisada neste trabalho. (Martin e Rose, 2003:60).

Conforme exposto no capítulo metodológico deste trabalho, dividimos os textos em ‘Cartas de Rejeição ao Governo’ e ‘Cartas de Aceitação do Governo’. Dentro dessas duas categorias maiores, analisamos as manifestações de afeto positivo e negativo. O afeto positivo presente nas cartas de aceitação é demonstrado pelas expressões lexicais elogiosas que os escreventes fazem aos governantes, defendendo-os das acusações publicadas na revista *Veja* e solidarizando-se com eles, como também pelas expressões não elogiosas feitas à revista. O afeto negativo encontrado nas cartas de rejeição é demonstrado pelas escolhas lingüísticas que os escreventes utilizam para concordar com as matérias da revista e denegrir a imagem dos governantes.

3.1.1. Afeto nas Cartas de Rejeição

Os textos denominados “Cartas de Rejeição” ao governo são aqueles cujos escritores posicionam-se contra os agentes do mensalão, produzindo suas cartas, ora para criticar o comportamento dos políticos envolvidos no escândalo, ora para elogiar a revista por prestar esclarecimentos à sociedade com a publicação da matéria.

Das 46 cartas de rejeição, a categoria **afeto**, expressando sentimentos negativos, é encontrada em 21 delas. Nessas cartas, há 34 expressões lexicais que denotam a rejeição aos políticos. Os sentimentos aqui analisados são os de ‘infelicidade’, de ‘insatisfação’ e de ‘insegurança’ em relação ao governo.

3.1.1.1. Infelicidade

Entendemos o subitem **infelicidade**, sugerido em Martin (2000), como o estado em que se encontram os escreventes das cartas ao externarem a tristeza, o infortúnio e a decepção em relação aos seus representantes políticos, conforme percebemos nos exemplos:

(01): “Sinto uma enorme *tristeza* ao ver que o Brasil não mudou (...)”(CR10).

(02): “É *triste* ver o partido largado na sarjeta”(CR32).

(03): “É com muita *tristeza* que, como militante do PT há 25 anos, *concordo* em todos os pontos com o querido e sempre atuante militante (...)”(CR38).

Notamos que a decepção das pessoas referente aos políticos é marcada por vocábulos cristalizados que denotam a **infelicidade** dos escreventes, como percebemos com a recorrência da escolha lexical ‘**triste**’ e suas cognatas.

Das 34 expressões lexicais que demonstram a rejeição aos políticos na categoria afeto, 13 mostram a **infelicidade** sentida pelos escritores das cartas ao externarem seus sentimentos, o que significa que 38,23% dos vocábulos são usados para expressar a tristeza e a decepção das pessoas.

3.1.1.2. Insatisfação

A **insatisfação** apresentada em Martin (2000) é considerada segundo o descontentamento, o desagrado e a indignação dos escreventes das cartas frente a uma situação política condenatória, conforme notamos nos exemplos que seguem:

(04): “*Não gostei* da capa da Veja. Collor e PC Farias, hoje, seriam encaminhados a um tribunal de Pequenas Causas”(CR19).

(05): “*Indignação*. Essa foi minha reação ao ver Veja igualar a situação do atual presidente a ‘caçador de marajás’ impedido”(CR20).

(06): “O artigo (...) conseguiu colocar em palavras o que *sentí* (...). Toda a minha *indignação* foi muito bem traduzida nesse artigo”(CR44).

Nos exemplos 04 e 05, notamos a **insatisfação** dos escritores relacionada às publicações da revista, marcada pelas expressões ‘**não gostei**’ e ‘**indignação**’, haja vista o descontentamento quanto aos comentários amenos em relação aos políticos. No exemplo 06, o autor mostra-se satisfeito com o artigo publicado por ter traduzido seus sentimentos negativos em relação aos governantes.

Dos sentimentos negativos analisados nas cartas, a **insatisfação** foi o mais recorrente, com 17 ocorrências das 34 expressões lexicais encontradas na categoria afeto, o que significa 50% das expressões – a metade, portanto. Essa recorrência é justificada pelo repúdio e pela indignação constante das pessoas que se sentiram enganadas pelos seus representantes políticos.

3.1.1.3. Insegurança

A **insegurança** tratada em Martin é entendida como intranquilidade e como falta de garantia de um acontecimento. Escolhemos três ocorrências que ilustram a insegurança de alguns escritores em relação à justiça social e à mudança no quadro político.

(07): “Mesmo com a decepção que é ver tantos representantes do povo envolvidos com a corrupção, ainda *é possível acreditar* que alguma justiça seja feita (...)”(CR5).

(08): “Toda semana, ao ler atentamente Veja, *torço* para que Lula cumpra até o último dia de mandato. ‘Diz-que-diz’ é o que ele sabe fazer de melhor”(CR13).

(09): “Em face de tanta corrupção, só temos a lamentar, pois sabemos que o grande perdedor é o povo brasileiro (...) Mas é imprescindível que *continuemos lutando* contra a corrupção”(CR43).

Nos exemplos escolhidos, as expressões ‘**é possível acreditar**’, ‘**torço**’ e ‘**continuemos lutando**’ são marcadores lexicais que denotam a esperança das pessoas em

dias melhores, o que contrasta com o quadro político do país denunciado na revista. Marca também a falta de garantia de que, de fato, esse ‘pedido’ seja atendido, o que caracteriza a **insegurança**. Provavelmente, o descrédito das pessoas em relação ao governo seja a principal causa de haver as 04 cartas direcionadas à insegurança – apenas 11,77% de vocábulos voltados à esperança das pessoas pela mudança no quadro político.

Conforme dissemos, das 46 cartas de rejeição analisadas, 21 delas têm ocorrência da categoria avaliativa **afeto**. Os escreventes, porém, não manifestaram apenas explicitamente seus sentimentos negativos contra o governo. Houve momentos nos quais os escritores manifestaram sua repulsa em relação às ações governamentais por meio do elogio à revista, mostrando a satisfação com as matérias publicadas - o que é um dado contra o governo. Escolhemos três exemplos que ilustram essa realidade.

(10): “Fiquei **emocionada** quando li a entrevista, vendo aqueles olhos marejados de lágrimas, (...)” (CR3).

(11): “Apesar das insistentes negativas do senhor Valério a respeito da reportagem de capa da Veja, **acredito** piamente no teor da referida matéria (...) foram pouquíssimas as vezes em que a revista **me decepcionou** (...)” (CR30).

(12): “(...) senti **orgulho** de viver num país onde a liberdade de imprensa existe de fato” (CR45).

Dessa forma, entendemos que os sentimentos positivos dos escreventes, nas cartas de rejeição ao governo, estão relacionados aos comentários elogiosos feitos à revista Veja, momento em que os escritores das cartas mostram-se satisfeitos com a publicação da matéria e felizes com o posicionamento adotado pela revista, por conseguinte, insatisfeitos, infelizes e inseguros em relação ao governo.

No entanto, os sentimentos positivos também podem estar voltados para o que sentiam os leitores antes de se decepcionarem com os políticos, quando ainda havia confiança e credibilidade nas ações governamentais, conforme percebemos nos exemplos:

(13): “(...) essa jovem cresceu, viu com **satisfação** a esperança vencer o medo e hoje **chorou** ao ler Veja...” (CR25).

(14): “A estrela vermelha que eu carregava cheio de **orgulho** no lado esquerdo do peito(...) **joguei fora**. O que ficou foi um grande **vazio**(...) eu me sinto meio **órfão**” (CR33).

(15): “Sou pernambucana com muito **orgulho** e fico **envergonhada** de ver alguns de nossos ‘representantes’ políticos metidos nas mais diversas trapalhadas (...)”(CR36).

Percebemos, nos exemplos selecionados, que os escreventes contrastam seus sentimentos, mostrando como se sentiam antes de se decepcionarem com os governantes e como passaram a se sentir depois das denúncias expostas pela mídia. O autor do exemplo 13 fala da **satisfação** de ser petista e da **tristeza** que sentiu com a decepção referente aos políticos petistas. No exemplo 14, o autor fala de seu **orgulho** em carregar no peito a estrela vermelha, contrastando com o **vazio** que sente após as descobertas das atitudes de seus governantes. A autora do exemplo 15 fala do **orgulho** que nutre por seu estado, contrastando com a **vergonha** que sente de viver num país em que os representantes do povo agem de maneira errada e ficam impunes.

Das 46 cartas analisadas, as expressões lexicais atitudinais ocorreram exclusivamente no âmbito do afeto negativo, sendo 30 ocorrências explícitas contra o governo e 04 ocorrências explícitas a favor da revista. Com essas escolhas lexicais, o escrevente externa a decepção, a frustração, a tristeza e a indignação que sente. As expressões lingüísticas de afeto negativo mais recorrentes foram as cognatas **indignado** e **indignação**, com 4 ocorrências:

(16): “Fiquei muito **indignado** com toda crise (...) não me conformo com esse mar de lama sem fim (...). A posição tomada pelo ministro Palocci não me surpreendeu...”(CR1).

(17): “Fico **indignado** ao ver que ainda existem pessoas que acham haver um complô jornalístico (...)”(CR5).

(18): “**Indignação**. Essa foi minha reação ao ver Veja igualar a situação do atual presidente a ‘caçador de marajás’ impedido”(CR20).

(19): “O artigo(...) conseguiu colocar em palavras o que senti (...). Toda a minha **indignação** foi muito bem traduzida nesse artigo”(CR44).

seguidas das cognatas **decepção**, **decepcionado** e **decepcionou**, com 3 ocorrências:

(20): “Apesar das insistentes negativas do senhor Valério a respeito da reportagem de capa da Veja, acredito piamente no teor da referida matéria (...) foram pouquíssimas as vezes em que a revista **me decepcionou** (...)”(CR30).

(21): “Mesmo com a **decepção** que é ver tantos representantes do povo envolvidos com a corrupção, ainda é possível acreditar que alguma justiça seja feita (...)”(CR5).

(22): “(...) estou **decepcionado** com o PT, Lula e seu governo”(CR39).

e, finalmente, as expressões **triste** e **tristeza**, com 3 ocorrências:

(23): “Sinto uma enorme **tristeza** ao ver que o Brasil não mudou (...)”(CR10)

(24): “É **triste** ver o partido largado na sarjeta”(CR32).

(25): “É com muita **tristeza** que, como militante do PT há 25 anos, concordo em todos os pontos com o querido e sempre atuante militante (...)”(CR38).

Em relação às classes gramaticais que melhor representam a rejeição dos escreventes à governabilidade petista, os sentimentos negativos foram expressos por adjetivos, somando um total de 09 escolhas lexicais das 34 ocorrências encontradas, nas 21 cartas que denotam o **afeto**. Essa escolha é explicada pelo estado de decepção e tristeza em que se encontra o falante no momento em que expressa os seus sentimentos, permitindo-lhe então qualificar ou caracterizar o que sente e como se sente. Escolhemos três exemplos para mostrar a incidência desses adjetivos.

(26): “É **triste** ver o partido largado na sarjeta”(CR32).

(27): “(...) estou **decepcionado** com o PT, Lula e seu governo”(CR39).

(28): “Fiquei *emocionada* quando li a entrevista, vendo aqueles olhos marejados de lágrimas, (...)” (CR3).

Além do uso dos adjetivos, os falantes também procuram externar suas frustrações por meio de substantivos, que somaram 08 ocorrências das 34 encontradas nas 21 cartas em análise. Essa escolha é justificada devido ao fato de ser a classe que nomeia o elemento de quem se fala. Escolhemos três exemplos para mostrar a presença desses substantivos.

(29): “É com muita *tristeza* que, como militante do PT há 25 anos, concordo em todos os pontos com o querido e sempre atuante militante (...)” (CR38).

(30): “*Indignação*. Essa foi minha reação ao ver Veja igualar a situação do atual presidente a ‘caçador de marajás’ impedido” (CR20).

(31): “O artigo(...) conseguiu colocar em palavras o que senti (...). Toda a minha *indignação* foi muito bem traduzida nesse artigo” (CR44).

Além dos adjetivos e substantivos, os escreventes utilizaram, uma única vez, o adjunto de comentário:

(32): “(...) constatamos que, *infelizmente*, a corrupção matou a esperança (...)” (CR42).

A classe gramatical mais utilizada pelo escrevente foi, principalmente e acentuadamente, o verbo. Das 34 ocorrências, nas 21 cartas, com as quais os escritores traduziram as suas atitudes de repulsa, foram utilizados 16 verbos ou locuções verbais, o que é justificado pelo fato de que “(...) *a semântica do afeto envolve significados que são tipicamente construídos através de um processo verbal realizado ou vivenciado por um participante humano consciente – os processos mentais relacionais da lingüística sistêmico-funcional*”. (Martin, 2000:154). Seleccionamos três exemplos para evidenciar a classe mais recorrente.

(33): “Em face de tanta corrupção, só *temos a lamentar*, pois sabemos que o grande perdedor é o povo brasileiro (...) Mas é imprescindível que *continuemos lutando* contra a corrupção”(CR43).

(34): “Toda semana, ao ler atentamente Veja, *torço* para que Lula cumpra até o último dia de mandato. ‘Diz-que-diz’ é o que ele sabe fazer de melhor”(CR13).

(35): “*Não gostei* da capa da Veja. Collor e PC Farias, hoje, seriam encaminhados a um tribunal de Pequenas Causas”(CR19).

3.1.2. O Afeto nas Cartas de Aceitação

Os textos denominados ‘Cartas de Aceitação’ ao governo são aqueles cujos escritores posicionam-se a favor dos políticos, apoiando-os e solidarizando-se com eles, produzindo suas cartas, ora para defendê-los das acusações feitas pela revista Veja, ora para criticar a revista pelas publicações ‘caluniosas’.

Das quatro ‘cartas de aceitação’ que existem em nosso *corpus*, a categoria **afeto** só foi encontrada em duas delas. Esses textos mostram apenas os sentimentos positivos em relação à governabilidade petista. Não ocorrem os sentimentos negativos, entendidos, no contexto das cartas de aceitação, como os de crítica às matérias publicadas pela revista Veja. Os sentimentos realizados nessas cartas são, portanto, os de felicidade, de satisfação e de segurança.

3.1.2.1. Felicidade

Entendemos o subitem **felicidade** sugerido em Martin (2000) como o estado em que se encontram os escreventes das cartas ao externarem seu prazer ou sua alegria em relação aos seus representantes políticos. Não encontramos, porém, nenhuma escolha lexical que manifeste a alegria relacionada aos políticos, mas somente escolhas que indiquem a credibilidade e a confiança, conforme a análise do subitem ‘segurança’.

3.1.2.2. Satisfação

A **satisfação** estudada em Martin (2000) ocorre quando há o contentamento e o agrado dos escreventes das cartas frente a uma situação política satisfatória, ou frente às atitudes admiráveis dos políticos. Assim como não encontramos escolhas lingüísticas que explicitem o sentimento de felicidade, também não encontramos a satisfação explícita.

3.1.2.3. Segurança

A **segurança** tratada em Martin é entendida como a confiança e a credibilidade em um acontecimento, e também como a persistência e a firmeza na mudança de uma situação. Há apenas duas ocorrências que ilustram a segurança de alguns escritores quanto à inocência dos políticos no escândalo do mensalão.

(36): “*Precisamos continuar acreditando* no Brasil com o presidente Lula...” (CA1).

(37): “*Acredito* que o presidente Lula não tinha conhecimento...” (CA2).

No exemplo 36, encontramos a esperança e a confiança do escritor em dias melhores, sob o comando do presidente Lula, o que nos permite concluir sua ‘satisfação’ com a governabilidade do presidente, expressa por meio da locução verbal. Demonstração de credibilidade é encontrada, também, no exemplo 37, cujo escritor confia tanto no presidente que afirma que Lula não tinha conhecimento do que estava acontecendo durante o seu governo.

Conforme a análise, não há expressões lexicais explícitas de felicidade e satisfação dos escreventes em relação aos políticos ou à sua governabilidade. Há apenas 02 cartas voltadas para externar a **segurança** e a confiança em dias melhores, representando 50% das expressões lexicais encontradas.

Percebemos que o **afeto** nas cartas de aceitação ao governo petista se manifestou somente por meio de verbos, o que respalda a afirmativa de Martin (2000) de que “(...) a semântica do afeto envolve significados que são tipicamente construídos através de

um processo verbal realizado ou vivenciado por um participante humano consciente – os processos mentais relacionais da lingüística sistêmico-funcional”. (p.154)

3.1.3. Conclusões Parciais

Das 46 cartas de rejeição analisadas, as expressões lexicais atitudinais ocorreram exclusivamente no âmbito do afeto negativo em 21 cartas, o que representa um total de 45,65% dos escreventes manifestando-se explicitamente insatisfeitos e infelizes com as atitudes políticas de seus representantes.

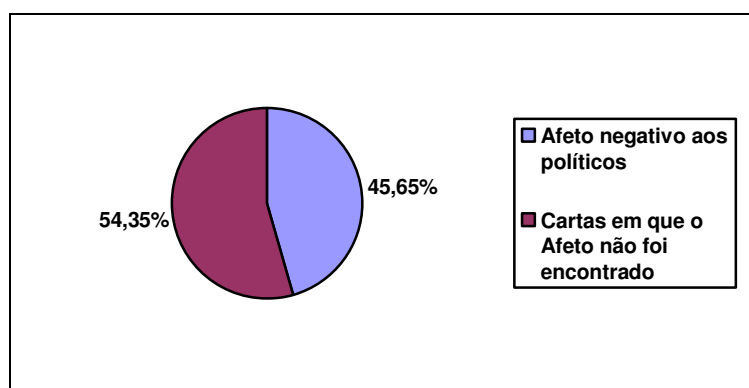


Gráfico 01: Incidência do **afeto** nas cartas de rejeição.

Das expressões lingüísticas encontradas, 30 são ocorrências explícitas contra o governo e 04 ocorrências explícitas a favor da revista - o que é um dado contextualmente negativo em relação ao governo - voltadas para externar a decepção, a frustração, a tristeza e a indignação dos escreventes das cartas. Dessas 34 expressões lexicais explícitas que denotam afeto, 16 são verbos, 09 são adjetivos, 08 são substantivos e 01 é advérbio, dado que comprova que as pessoas externalizam suas emoções, seus sentimentos, acentuadamente, por meio de processos mentais.

O gráfico 02 evidencia a distribuição das classes gramaticais nas ‘Cartas de Rejeição’:

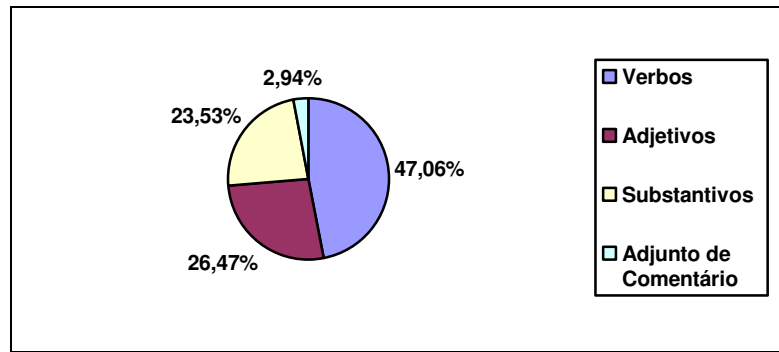


Gráfico 02: Classes gramaticais na categoria avaliativa **afeto** nas cartas de rejeição.

Das 34 expressões lexicais encontradas para caracterizar o **afeto**, 17 denotam a insatisfação dos escreventes, 13 mostram a infelicidade e 04 tratam da insegurança, conforme ilustramos no gráfico:

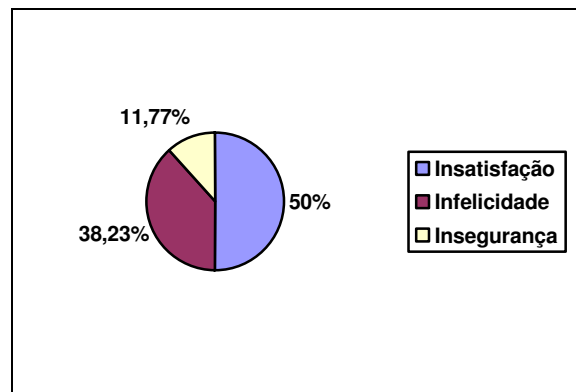


Gráfico 03: Os tipos de **afeto** nas cartas de rejeição.

Das 04 cartas de aceitação ao governo, o **afeto** positivo ocorre em apenas duas delas, nas quais os subtipos felicidade e satisfação não estão explícitos. As duas ocorrências lexicais são do subtipo segurança, realizada exclusivamente por meio do verbo. Não há a ocorrência de afeto negativo.

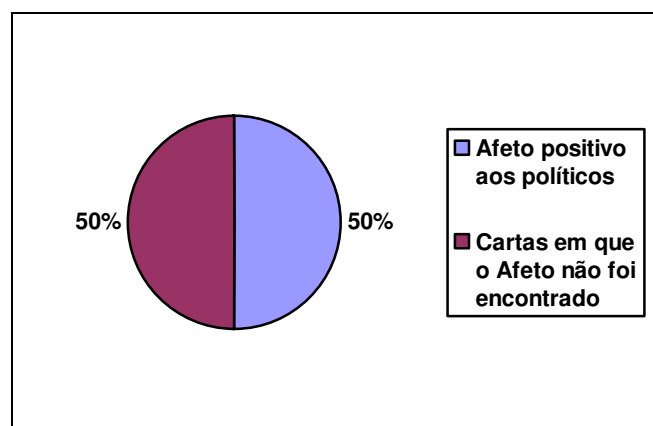


Gráfico 04: Incidência do **afeto** nas cartas de aceitação.

3.2. Julgamento

Conforme já ilustramos no capítulo I deste trabalho, a categoria avaliativa **juízo** é o campo de significados por meio do qual construímos nossos posicionamentos em relação ao comportamento humano. A depender das exigências e normas impostas pela sociedade, julgamos o outro, aprovando ou condenando seu comportamento; admirando ou criticando suas atitudes.

O contexto é determinante para a classificação de expressões que emitem julgamentos positivo ou negativo. O vocábulo **desonesto**, no exemplo 38, poderia ser considerado juízo negativo, no entanto, ao se considerar o contexto em que está inserido, percebemos que a intenção do escritor é julgar honesto o partido, logo, juízo positivo.

(38) “Não considero o PT ou qualquer outro partido **desonesto**. O que existem são pessoas **desonestas** que ingressam nas empresas, nos partidos e nos governos” (CA2).

A abordagem da avaliação divide o **juízo** em dois grupos: aqueles relacionados à ‘estima social’ e aqueles orientados para as ‘sanções sociais’.

Na ‘estima social’, de acordo com Martin, encontramos avaliações que podem levar o indivíduo à condição de criticado ou admirado por aqueles que fazem parte do seu convívio social, sem necessariamente, possuir implicações legais ou morais. É por meio da ‘estima social’ que construímos as relações interpessoais mais comuns e básicas à nossa formação - enquanto seres sociais que somos, necessárias à formação da nossa identidade e dos valores compartilhados coletivamente. Fazem parte dos valores compartilhados da ‘estima social’ as redes sociais do dia a dia, como a família e a amizade. (Figueiredo, 2004:188)

Os julgamentos de ‘sanção social’ trazem à tona valores impostos socialmente, pelos quais regras e regulamentos devem ser cumpridos a fim de que sejam avaliadas a ‘moralidade’ e a ‘legalidade’ desses valores. Se as ações dos indivíduos não estiverem enquadradas no que é esperado, ou aprovado, como aceito ou correto, pela

sociedade, esses indivíduos podem vir a receber punições legais já acordadas e conhecidas socialmente, pois suas atitudes serão vistas como imorais, ilegais, incorretas perante o que é conhecido pelas pessoas como certo ou errado.

No trecho a seguir, descrevemos uma situação que ilustra tanto a ‘**estima social**’, por meio da expressão lexical ‘**vergonhosa**’, quanto a ‘**sanção social**’, com a expressão ‘**sem escrúpulos**’.

(39) “É *vergonhosa* a atitude da Petrobrás e de outras empresas estatais que mergulharam na lama juntamente com membros do governo e de partidos *sem escrúpulos* que tomaram o poder para governar em causa própria,(...) (CR14).

De acordo com Martin (2000:156), o julgamento está descrito na taxonomia de cinco partes, em que a ‘**estima social**’ é dividida em **normalidade, capacidade e tenacidade** e a ‘**sanção social**’ em **veracidade e propriedade**. Como o nosso *corpus* é constituído de cartas sobre um assunto que afeta a política governamental, portanto, ligada a valores referentes à aceitabilidade e às normas sociais, há um predomínio de situações direcionadas à ‘sanção social’. Por conseguinte, não consideramos, neste estudo, significativos os julgamentos de ‘estima social’, motivo pelo qual não vamos analisá-lo. O nosso foco de análise será a abordagem dos julgamentos voltados para a ‘sanção social’, em função da temática a que nos propusemos analisar no *corpus* que escolhemos.

As ‘sanções sociais’ são codificadas através de leis, regulamentos e normas produzidas por instituições de grande poder social: o governo, o sistema jurídico e a igreja. No caso específico deste trabalho, o foco é o governo, o que, em algumas situações, pode comprometer o sistema jurídico, já que as cartas analisadas abordam, como temática, o mensalão – assunto polêmico e comprometedor que tem, nas publicações da revista Veja, uma abordagem que visa ao comprometimento da ética, do caráter, do comportamento e das atitudes dos políticos envolvidos nas supostas denúncias contra o poder público e contra o próprio povo.

Na taxonomia de Martin, a ‘**sanção social**’ está dividida em ‘**veracidade**’ e ‘**propriedade**’ – positiva (elogio) e negativa (condenação). Na análise do subtipo ‘**veracidade**’, selecionamos as cartas que abordam a honestidade ou a desonestidade da pessoa de quem se fala no texto, enquanto que, na análise da ‘**propriedade**’, nossa abordagem

passa a ser das cartas que questionam os valores éticos, ou seja, se a pessoa de quem se fala nas cartas tem o comportamento ético ou não o tem perante a sociedade. Vale a ressalva de que as pessoas tratadas nas cartas são representadas ora pelos governantes petistas, ora pela revista, ora pelo povo brasileiro. Nossa escolha fica evidenciada de forma mais clara na figura abaixo:

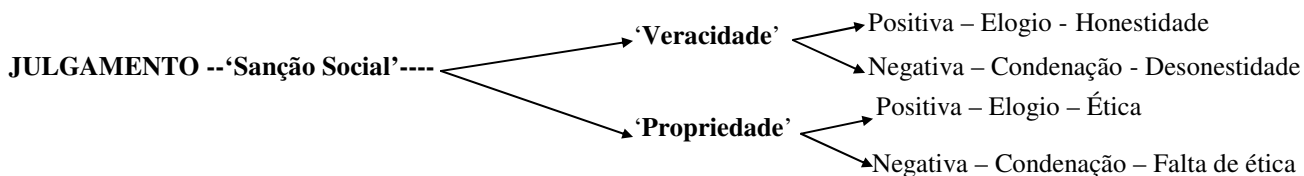


Figura 07: Categoria avaliativa **juízo** analisada neste trabalho. (Martin e Rose, 2003:62)

3.2.1. O Juízo nas Cartas de Rejeição.

3.2.1.1. Veracidade

Nesse primeiro momento, nossa análise está voltada somente para as cartas que demonstram o subtipo **'veracidade'** que, no âmbito negativo, revela a desonestidade dos políticos no escândalo do mensalão.

Verificamos, primeiramente, o uso de expressões lexicais para denegrir a imagem dos políticos petistas, de maneira geral, o que prova a insatisfação dos escreventes com os membros do partido que ocupam o poder. Como já se previa, os vocábulos encontrados para julgar o governo petista ocorreram todos no âmbito negativo, o que comprova o descrédito e o comportamento condenatório dos escreventes quanto à política atual. Escolhemos três ocorrências para ilustrar a posição dos escreventes com relação à desonestidade dos políticos:

(40) “É vergonhosa a atitude da Petrobrás e de outras empresas estatais que mergulharam na lama, juntamente com membros do governo e de partidos *sem escrúpulos* que tomaram o poder para governar em causa própria, (...)”(CR14).

(41) “Veja expõe claramente o lamento de milhões de brasileiros que acreditaram erradamente no *Partido da Trapaça*”(CR40).

(42) “(...) composto de analfabetos ou de pouca escolarização, alienados ou ingênuos, acostumados a ser enganados por *demagogos* e comprados a baixo preço, (...)”(CR46).

Ademais, encontramos, também, textos em que os escreventes mostram sua repulsa, principalmente, contra o Presidente da República. Nos exemplos (43-45) marcamos somente as expressões que externam a decepção relacionada, especificamente, ao Presidente da República, ou seja, pessoas que escrevem para acusá-lo, referindo-se a uma conduta demagógica e desonesta.

(43) “Cercado de denúncias contra seus principais homens de confiança, o presidente opta pela *falsa demagogia populista* do olho- no- olho com o cidadão”(CR23).

(44) “Seu discurso pedindo perdão e falando que foi traído, quando o *traidor* é ele próprio, é tão inconsciente quanto insuficiente”(CR37).

(45) “Se Lula sabia de tudo, deve ser impedido e tratado como ladrão e *mentiroso* como qualquer outro bandido”(CR39).

Além das expressões selecionadas para mostrar uma imagem negativa dos políticos, ainda encontramos um texto em que é posta em dúvida a imagem de alguém ligado ao governo, acusado de ser aliado nas desonestidades dos políticos.

(46) “Arrumaram um bom marqueteiro para vender a propaganda enganosa, um *falso* publicitário e um tesoureiro mafioso para operar a tramóia do financiamento”(CR11).

Conforme percebemos, o subtipo ‘veracidade’ da ‘sanção social’ tem manifestações significativas nas cartas de rejeição, pois de um universo de 46 textos, o questionamento de valores relacionados à honestidade ocorre em 12 cartas, o que representa 26,09% do total de cartas, com 12 expressões lexicais explícitas usadas para questionar a sinceridade dos políticos. Entendemos, assim, que os escreventes, na condição de insatisfeitos e infelizes com a política adotada pelo governo, expressam suas opiniões também para julgar o comportamento e as atitudes daqueles que os representam.

Das 12 expressões lexicais encontradas nos exemplos explicitados, 05 delas são de condenação ao comportamento do Presidente da República; 06 julgam os governantes petistas de maneira geral e 01 escrevente julga uma pessoa que presta serviço para o governo.

3.2.1.2. Propriedade

Nossa análise, neste próximo momento, volta-se somente para as cartas que demonstram o subtipo **‘propriedade’** que, no âmbito negativo, revela a falta de ética dos políticos no escândalo do mensalão.

O subtipo **‘propriedade’**, defendido por Martin (2000), trata do julgamento do comportamento ético das pessoas e, várias são as possibilidades de se perceber se alguém é ético nas suas convicções ou contraria as normas estabelecidas pela sociedade. Nas cartas em análise, primeiramente, os escreventes julgam os políticos como corruptos, de maneira categórica e constante, enfatizando a corrupção a que o país está sujeito, graças à prática anti-ética dos governantes.

(47) “E, mesmo estando claramente envolvidos em **corrupção grave**, os integrantes da cúpula do PT não pensam em deixar o partido”(CR27).

(48) “Completas e esclarecedoras as reportagens sobre **corrupção**. Será impossível provar que o Presidente Lula desconhecia a cobrança do mensalão (...)”(CR31).

(49) “A entrevista com o jurista Hélio Bicudo nos dá a exata dimensão do envolvimento dos principais dirigentes do nosso país no lamaçal da **corrupção** do PT”(CR03).

No entanto, outras expressões lexicais, além da recorrente ‘corrupção’, também comprovam a condenação das ações dos políticos petistas, especialmente, aquelas que questionam a falta de ética no comportamento dos nossos governantes.

(50) “(...) o principal problema desse país: a **desproporcionalidade da ética**. Infelizmente, para cada 100 Severinos existe apenas 1 Gabeira” (CR35).

(51) “(...) a *crise ética* afeta a própria governabilidade do país (...). Seu discurso pedindo perdão e falando que foi traído, quando o *traidor* é ele próprio, é tão inconsciente quanto insuficiente” (CR37).

Com esses 02 exemplos, percebemos a desesperança dos escreventes, questionando a falta de ética dos governantes. No texto 50, por exemplo, o escritor compara a raridade de políticos virtuosos, dando como exemplo, o Sr. Gabeira em oposição ao excesso de políticos corruptos, dando como exemplo o Sr. Severino Cavalcanti. Além disso, ainda há aqueles que externam suas opiniões para criticar as pessoas que acreditaram nos políticos do atual partido do governo, como representantes das atitudes éticas, conforme percebemos nos exemplos 52 e 53.

(52) “Bem feito para aqueles que sempre louvaram o PT como *símbolo de mudança e ética*. Lula e o PT deveriam enfiar a viola no saco (...)” (CR18).

(53) “Veja nos mostra o que faltava para a consolidação da decadência e a confirmação de que quem sempre bradou por *ética*, hoje se ressentido da *falta dela*” (CR26).

No entanto, o questionamento da ética não ocorre apenas com expressões lexicais cristalizadas que comprovam, com obviedade, ocorrências do subtipo ‘propriedade’. Assim, separamos três exemplos que mostram outros equivalentes semânticos usados para qualificar pessoas não cumpridoras das leis e das normas do país.

(54) “Escândalos e escândalos diários que fazem com que Collor e seu esquema PC fiquem humilhados diante da grandiosidade dos *monstros* que atuam agora” (CR10).

(55) “Arrumaram um bom marqueteiro para vender a propaganda enganosa, um falso publicitário e um tesoureiro *mafioso* para operar a tramóia de financiamento” (CR11).

(56) “Se Lula sabia de tudo, deve ser impedido e tratado como *ladrão* e mentiroso, como qualquer outro *bandido*” (CR39).

Entendemos que qualificar os políticos por meio das expressões ‘monstros’, ‘mafioso’, ‘ladrão’, ‘bandido’, também é um modo de fazer julgamento, na

medida em que marca a revolta, a insatisfação e a decepção dos escreventes em relação às atitudes dos governantes, por conseguinte, são acusações que comprometem a ética dos nossos representantes políticos.

Conforme verificamos na análise, o subtipo **‘propriedade’** teve um número significativo de ocorrências nas cartas de rejeição, posto que, de um universo de 46 textos, o questionamento de valores relacionados à ética ocorre em 19 cartas, representando 41,30% dos textos, com 25 expressões lexicais explícitas usadas para julgar os valores, as virtudes e a moralidade dos políticos. Deste total de vocábulos utilizados para a referência ao comportamento ético ou à falta dele, percebemos 07 expressões lexicais relacionadas apenas ao Presidente da República e 18 relacionadas aos políticos de modo geral.

Percebemos, ainda, que os escreventes, para externar suas acusações no subtipo propriedade, utilizam substantivos e adjetivos. No entanto, é importante a ressalva de que os substantivos, com 19 ocorrências das 25 encontradas, não estão, tão somente, nominalizando as atitudes éticas ou anti-éticas, mas sim, principalmente, qualificando as atitudes dos políticos, pois, ao julgarem a corrupção e a falta de ética constantes no país, os escreventes acusam, explicitamente, os governantes de corruptos e anti-éticos em todas as ocorrências. A análise contextual mostra a necessidade dos escreventes de ‘dotar’ os políticos de atributos negativos. Escolhemos três exemplos para ilustrar a incidência desses substantivos.

(57) “A entrevista com o jurista Hélio Bicudo nos dá a exata dimensão do envolvimento dos principais dirigentes do nosso país no lamaçal da **corrupção** do PT”(CR03).

(58) “Veja nos mostra o que faltava para a consolidação da decadência e a confirmação de que quem sempre bradou por **ética**, hoje se ressentido da **falta dela**”(CR26).

(59) “E, mesmo estando claramente envolvidos em **corrupção** grave, os integrantes da cúpula do PT não pensam em deixar o partido”(CR27).

No entanto, os escritores não apenas sugerem, por meio de substantivos, as acusações que querem proferir contra os políticos, como também as afirmam, explícita e

categoricamente, por meio de adjetivos, utilizando 06 deles em um total de 25 expressões lexicais encontradas, conforme os exemplos ilustrados:

(60) “Arrumaram um bom marqueteiro para vender a propaganda enganosa, um falso publicitário e um tesoureiro *mafioso* para operar a tramóia de financiamento”(CR11).

(61) “Se Lula sabia de tudo, deve ser impedido e tratado como ladrão e mentiroso, como qualquer outro *bandido*”(CR39).

(62) “As pessoas envolvidas nesse mar de corrupção (...) não passam de um bando de *ladroes* e, como tal (...) deveriam ser levadas de camburão para a cadeia (...)”(CR24).

Essa incidência de marcas lexicais usadas para qualificar a pessoa de quem se fala está justificada em Martin (2000), quando diz que“(...) *existem significados que indicam uma visão da aceitabilidade social (ou não) do comportamento de agentes humanos, uma avaliação feita por meio de referências a algum sistema de normas sociais, realizada por qualidades próprias ao ser humano (...)*”.

3.2.2. Conclusões Parciais

A análise das cartas de rejeição, segundo valores relativos à ‘**veracidade**’ e à ‘**propriedade**’, na categoria **juízo**, confirma o que havíamos hipotetizado no capítulo introdutório deste estudo: a alta incidência da categoria avaliativa juízo. As pessoas, inconformadas com a situação político social do país, escrevem para a revista, em sua maioria, para julgar o comportamento daqueles que as representam no poder. Os escreventes não se mostram interessados em apenas externar seus sentimentos negativos, mas também em tecer comentários que comprometam a imagem pública de quem se fala, devido a não obediência a valores impostos socialmente.

O tipo ‘sanção social’, teve um número significativo de ocorrências na análise das ‘cartas do leitor’ da revista Veja. O subtipo ‘veracidade’ foi manifestado em 12 cartas, significando 26,09% de um universo de 46 textos, o que nos permite afirmar que as

peças escreveram seus pontos de vista, preocupadas em questionar a honestidade e a sinceridade daqueles que as representam politicamente, julgando, assim, seus comportamentos e atitudes.

O subtipo ‘propriedade’ teve uma incidência maior, pois de todas as cartas indicativas do sentimento de rejeição, em 41,30% delas os escreventes questionaram a postura ética dos governantes perante a sociedade - dado que significa 19 cartas encontradas de um universo de 46 textos.

Dessa forma, fica claro o sentimento de insatisfação de grande parte dos escreventes que externam suas opiniões para questionar a moralidade, a legalidade, a honestidade e a sinceridade nas ações governamentais, fato comprovado nos 67,39% de textos produzidos, nos quais a categoria **julgamento** é manifestada explicitamente. Assim sendo, em apenas 32,61% das cartas de rejeição não ocorre a categoria julgamento. A incidência dos subtipos da ‘sanção social’ pode ser claramente visualizada no gráfico a seguir:

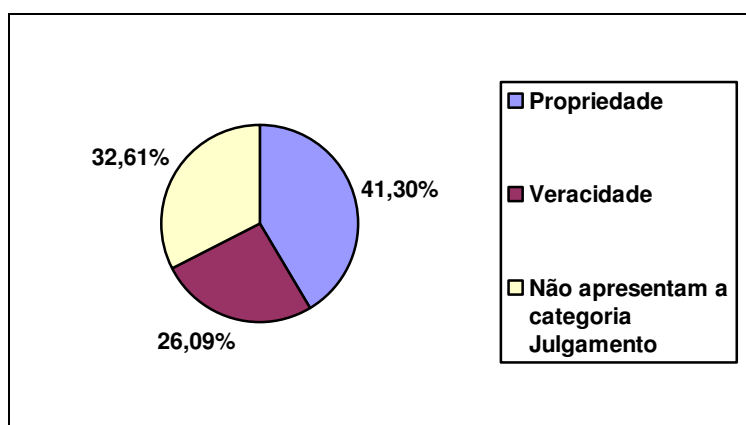


Gráfico 05: Incidência dos subtipos da sanção social na categoria **julgamento**.

3.2.3. O Julgamento nas Cartas de Aceitação.

3.2.3.1. Veracidade

Nesse primeiro momento, nossa análise está voltada somente para as cartas que demonstram o subtipo ‘**veracidade**’ que, no âmbito positivo, revela a credibilidade das pessoas na honestidade dos políticos no escândalo do mensalão.

Nas cartas de aceitação ao governo, o vocábulo honesto é recorrente, sendo que, nessas cartas, os escreventes o utilizam para elogiar o presidente e os partidos políticos, isentando-os das acusações proferidas. No exemplo 63, o escritor culpa as pessoas de maneira geral, questionando o caráter e a sinceridade delas, em relação às suas atitudes.

(63) “Não considero o PT ou qualquer outro partido *desonesto*. O que existem são pessoas *desonestas*, que ingressam nas empresas, nos partidos e nos governos. Vamos nos lembrar de que o deputado Roberto Jefferson afirmou na CPI que todos ali presentes não eram *coerentes* com as declarações (...)” (CA02).

O exemplo 64 mostra a confiança e a credibilidade do escrevente no Presidente Lula, marcadas pelas acusações à revista e pelos elogios ‘popular’ e ‘honesto’ feitos, particularmente, ao Presidente.

(64) “A revista Veja cometeu uma atitude mesquinha e perversa contra o presidente mais *popular* e *honesto* que o Brasil já teve (...)” (CA03).

A categoria julgamento, por meio do subtipo **veracidade**, está explícita em 50% das cartas de aceitação, uma ocorrência em cada carta. Apesar de ter havido apenas 04 cartas, duas delas manifestam o julgamento das pessoas na tentativa de defender a imagem dos políticos petistas perante a sociedade.

3.2.3.2. Propriedade

Nossa análise, neste próximo momento, volta-se somente para as cartas que demonstram o subtipo ‘**propriedade**’ que, no âmbito positivo, revela a confiança das pessoas na postura ética dos políticos no escândalo do mensalão.

Nas cartas de aceitação ao governo, os valores éticos são questionados, havendo uma condenação das atitudes; no entanto, não há mais crítica aos políticos, mas sim, aos seus acusadores. No exemplo 66, o escrevente manifesta sua indignação contra o povo e contra a revista, afirmando que a corrupção nunca foi tão combatida, com a prisão dos ladrões

do dinheiro público, como no governo atual, sendo, portanto, uma calúnia contra o presidente Lula as afirmações publicadas pela revista.

(66) “Nunca se prendeu tanto *ladrão* do dinheiro público neste país como agora, nunca a balança comercial esteve tão equilibrada, (...)” (CA01)

No exemplo 67, o escritor também critica, severamente, a revista, chamando-a de mesquinha e perversa, reclamando de um grau elevado de falta de ética da revista ao publicar suas reportagens, denegrindo a imagem do presidente e de seus aliados políticos. Com as expressões lexicais explícitas contra a revista e contra o povo, os escritores, contextualmente, mostram-se favoráveis aos políticos petistas.

(67) “A revista Veja cometeu uma atitude *mesquinha* e *perversa* contra o presidente mais popular e honesto que o Brasil já teve (...)” (CA03).

A categoria **juízo**, por meio do subtipo **propriedade**, está explícita em 50% das cartas de aceitação, em duas delas, portanto, dado que retoma questionamentos sobre a postura ética no comportamento da revista e das pessoas de modo geral, que produziram seus textos para denegrir a imagem de nossos governantes, expondo-os perante a sociedade.

Um dado interessante é que encontramos como marcas lexicais do juízo expresso nas cartas de aceitação ao governo, tanto no subtipo ‘veracidade’, quanto na ‘propriedade’, somente a adjetivação, o que nos permite enxergá-la como principal classe para externar a opinião acerca do comportamento das pessoas, já que, de acordo com Martin (2000), “(...) *existem significados que indicam uma visão da aceitabilidade social (ou não) do comportamento de agentes humanos, uma avaliação feita por meio de referências a algum sistema de normas sociais, realizada por qualidades próprias ao ser humano (...)*”.

3.2.4. Conclusões Parciais

As cartas de aceitação do governo ocorreram, conforme dissemos anteriormente, num número bem menor em relação às cartas de rejeição. Ainda assim,

encontramos, nessas cartas, manifestações que expressam o **‘julgamento’** dos escreventes. Das 04 cartas de aceitação, apenas em uma carta (CA04) não ocorre o julgamento.

Houve uma carta na qual foram encontradas expressões lexicais voltadas tanto para o subtipo ‘veracidade’ quanto para a ‘propriedade’, conforme exemplo 68, cujos vocábulos sublinhados marcam a falta de ética da revista e os vocábulos negritados assinalam a honestidade do Presidente da República.

(68) “A revista Veja cometeu uma atitude mesquinha e perversa contra o presidente mais *popular* e *honesto* que o Brasil já teve (...)” (CA03).

Houve uma carta, exemplo 69, na qual foram encontradas expressões lexicais voltadas somente para questionar a opinião das pessoas que não acreditam no trabalho honesto que desempenha o Presidente da República, quando exerceu com eficiência seu poder, prendendo os ladrões do dinheiro público.

(69) “Nunca se prendeu tanto *ladrão* do dinheiro público neste país como agora, nunca a balança comercial esteve tão equilibrada, (...)” (CA01).

Houve também apenas uma carta, exemplo 70, cujo escritor utiliza recursos lexicais somente para exaltar a honestidade dos governantes, afirmando que não acredita na desonestidade dos partidos políticos.

(70) “Não considero o PT ou qualquer outro partido *desonesto*. O que existem são pessoas *desonestas*, que ingressam nas empresas, nos partidos e nos governos. Vamos nos lembrar de que o deputado Roberto Jefferson afirmou na CPI que todos ali presentes não eram *coerentes* com as declarações (...)” (CA02).

Assim, encontramos a categoria avaliativa **julgamento** nas cartas de aceitação ao governo em 75% das ocorrências, o que é um dado relevante, pois de um total de 04 cartas analisadas, apenas uma não julgou comportamentos em relação à idoneidade da revista ou dos valores das pessoas que não acreditavam nos governantes petistas e escreviam seus textos para criticá-los ou condená-los.

3.3. Apreciação

De acordo com Martin (2000), conforme já detalhamos no capítulo I deste estudo, a **apreciação** é o campo dos significados utilizados para construir as avaliações dos produtos do trabalho humano, como também, de fenômenos naturais e do estado das coisas. Em termos semânticos, atribuímos a esses objetos um valor, que poderá ser positivo ou negativo, dependendo da análise contextual e das possíveis intenções dos autores das cartas.

No entanto, torna-se necessário entender que a categoria avaliativa **apreciação** não expressa valores somente a coisas ou a objetos. Vale a ressalva de que os sujeitos humanos também podem ser ‘apreciados’ ao invés de ‘julgados’, porém, somente naquelas situações nas quais suas qualidades estéticas estiverem sendo discutidas, sem que a avaliação recaia sobre a aceitabilidade social de seus comportamentos.

A abordagem da avaliação subdivide a **apreciação** em três tipos avaliativos: **reação**; **composição** e **valorização**. No entanto, neste trabalho, escolhemos somente a ‘**reação**’ para basear nossa análise porque a temática proposta como *corpus* não explora significativamente todos eles. Consideramos que o tipo ‘**reação**’ satisfaz aos propósitos analíticos porque está relacionado ao comportamento dos escritores das cartas que, diante das matérias publicadas por uma revista de circulação nacional, reagem positiva ou negativamente a essas matérias.

O tipo ‘**reação**’ é, segundo Martin (2003:63), dividido em dois subtipos que compreendem o ‘**impacto**’ das pessoas diante de uma dada situação, mostrando, por meio da expressão lexical escolhida, se o assunto ‘mexeu’ ou não com elas; e a ‘**qualidade**’ que elas atribuem a um objeto ou a uma atitude para externar o quanto admiram ou rejeitam o que foi abordado e como foi abordado.

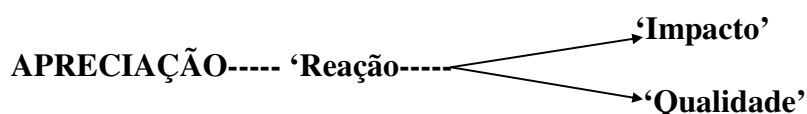


Figura 08: A categoria avaliativa **apreciação** analisada neste trabalho (Martin e Rose, 2003:63)

3.3.1. A Apreciação nas cartas de rejeição

3.3.1.1. Impacto

Nesse primeiro momento, nossa análise está voltada somente para as cartas que demonstram o subtipo **'impacto'** que revela como as pessoas reagem diante de um escândalo como o mensalão.

Há momentos nos quais os escritores manifestam sua repulsa em relação às ações governamentais por meio do elogio à revista, mostrando a satisfação com as matérias publicadas - o que é um dado contra o governo. Escolhemos dois exemplos que ilustram essa realidade.

(71) “A imprensa mostra sua força, uma liberdade e uma dinâmica *extraordinárias* (...)”(CR07).

(72) “*Exemplar* a postura de Veja em relação ao esquema de corrupção que consome o Brasil (...)” (CR29).

Alguns escreventes, ao produzirem seus textos, mostram-se fascinados pelas publicações da revista Veja e pela postura adotada por ela. Em todas as ocorrências que indicam uma reação impactante dos escreventes, percebemos os dados apontando para as qualidades que enaltecem o serviço prestado pela revista à sociedade, fazendo-nos inferir o elevado grau de satisfação dos escreventes em relação às matérias publicadas.

(73) “Mais uma vez esta revista presta um serviço *incomensurável* à nação brasileira nos trazendo a reportagem (...)”(CR18).

(74) “Essa, creio, é *a reportagem símbolo* que no futuro deverá ser lembrada sempre como a bandeira da verdade dos cidadãos honestos deste país (...)”(CR28).

Tal fato mostra, em contrapartida, o grau de insatisfação desses escreventes em relação ao governo, já que as reportagens foram produzidas para desmerecer e denegrir a imagem dos políticos petistas e, por isso, são elogiadas e ovacionadas. Assim, o que é considerado apreciação positiva na análise das cartas, é, na realidade, contextualmente, a

acentuação enfática da rejeição ao governo, porque, o escrevente, ao mostrar-se feliz com as matérias, afirmando que apóia e aceita esses textos, diz, também, em outras palavras, que não está feliz com as práticas governamentais.

Com as expressões que comprovam as apreciações negativas explícitas em relação aos políticos, podemos afirmar que a reação dos escreventes em relação às atitudes dos governantes tem sido condenatória, pois em todas as manifestações encontramos a indignação, o repúdio e a crítica, por meio, inclusive, da repetição constante das mesmas cognatas – lama e lamaçal - para intensificar a insatisfação e o impacto daqueles que foram surpreendidos pelas ações indevidas dos seus representantes políticos.

(75) “Tenho apenas 17 anos e não me conformo com esse *mar de lama* sem fim, em que a cada dia surgem mais e mais denúncias (...)”(CR01).

(76) “Quero negar com veemência a crença nas palavras de qualquer um desses ‘senhores’ envolvidos no *lamaçal* criado para ‘blindar’(...)” (CR02).

(77) “A entrevista com o jurista Hélio Bicudo nos dá a exata dimensão do envolvimento dos principais dirigentes do nosso país no *lamaçal* da corrupção do PT”(CR03).

As expressões lexicais escolhidas pelos escreventes comprovam, também na categoria apreciação, a rejeição total aos governantes e às suas atitudes, uma vez que as expressões elogiosas são todas direcionadas para a revista Veja, apoiando-a, concordando com ela e enaltecendo o trabalho satisfatório que realizou, enquanto que as expressões utilizadas negativamente estão direcionadas para denegrir a imagem dos políticos.

Das 14 cartas de rejeição que mostram a **apreciação**, o subitem **impacto** foi encontrado em 10 delas, com um total de 10 escolhas lexicais. Em relação às classes gramaticais que melhor representam a rejeição dos escreventes ao governo, percebemos que suas reações foram expressas por adjetivos e substantivos, com cinco ocorrências de cada.

O uso de adjetivos provavelmente se explica pelo estado de euforia e satisfação dos escreventes em relação às publicações da revista, posto que as adjetivações

impactantes são todas referentes ao serviço prestado pela revista. Escolhemos três exemplos para mostrar a incidência desses adjetivos.

(78) “A imprensa mostra sua força, uma liberdade e uma dinâmica *extraordinárias* (...)”(CR07).

(79) “Mais uma vez esta revista presta um serviço *incomensurável* à nação brasileira nos trazendo a reportagem (...)”(CR18).

(80) “*Exemplar* a postura de Veja em relação ao esquema de corrupção que consome o Brasil (...)” (CR29).

Além dos adjetivos, os escreventes também recorrem aos substantivos para demonstrar suas reações impactantes. No entanto, é importante a ressalva de que os substantivos, com 05 ocorrências, não são direcionados à revista, e sim, às ações referentes à corrupção dos governantes. Escolhemos três exemplos para ilustrar os substantivos.

(81) “Quero negar com veemência a crença nas palavras de qualquer um desses ‘senhores’ envolvidos no *lamaçal* criado para ‘blindar’(...)” (CR02).

(82) “Mas aqui também estou afogado... num *rio de lama* e num *mar de pizzas*”(CR08).

(83) “Veja expõe sem medo e com clara independência o lamentável estado de nosso país: *um doente quase terminal*”(CR09).

3.3.1.2. Qualidade

Nossa análise está voltada agora somente para as cartas que demonstram o subtipo que revela a ‘**qualidade**’ que os escreventes atribuem a um objeto ou a uma atitude para externar o quanto admiram ou rejeitam as pessoas envolvidas no escândalo do mensalão.

Percebemos a incidência de expressões lexicais referentes às qualidades da revista e do trabalho prestado por ela, uma vez que as apreciações positivas feitas pelos escreventes recaem, em quase todas as manifestações, sobre os comentários elogiosos e satisfeitos que sinalizam para a conclusão de que os escritores gostaram do que leram nas reportagens, gostaram das abordagens feitas, ou do que viram nas imagens cedidas pela

revista, fato que comprova a insatisfação quanto à governabilidade petista. Os itens lexicais explicitados para apreciar as qualidades da revista só vêm confirmar, contextualmente, o repúdio, a decepção e a rejeição aos políticos.

(84) “Veja tem prestado um *grande* serviço à democracia brasileira. A última edição é uma obra-prima (...)”(CR11).

(85) “Veja tem prestado um grande serviço à democracia brasileira. A última edição é uma *obra-prima* (...)”(CR11).

(86) “*Completas e esclarecedoras* as reportagens sobre corrupção. Será impossível provar que o presidente Lula desconhecia a cobrança do mensalão”(CR31).

Encontramos apenas um momento no qual o escrevente diz que a crise política não tem apenas seu lado ruim, mas é capaz de nos fazer enxergar coisas positivas que devem nos fazer refletir.

(87) “Mas há em tudo isso coisas *positivas* que surpreendem e merecem registro. As CPIs investigam mesmo, (...)”(CR07).

Além das apreciações, no subtipo qualidade, feitas à revista, também encontramos aquelas feitas diretamente aos governantes, marcando a insatisfação da maioria dos escreventes em relação às práticas e às atitudes dos políticos. Nos exemplos (88-90), é visível o desgosto, o repúdio e a decepção dos escreventes pelas práticas governamentais, explicitando, em alguns casos, o estado em que o país se encontra.

(88) “O Brasil não pode viver em função de apenas uma pessoa para comandar a economia e, se Palocci estiver mesmo envolvido nesse esquema *sujo e desonesto*, ele deve ser punido”(CR01).

(89) “Veja expõe sem medo e com clara independência o *lamentável* estado de nosso país: um doente quase terminal”(CR09).

(90) “Genial e ao mesmo tempo *triste* a foto estampada na capa da revista Veja (...)”(CR41).

Das 14 cartas de rejeição que denotam a **apreciação**, o subitem qualidade é encontrado em 13 delas, com um total de 16 ocorrências utilizadas, ora para qualificar a revista pelas matérias satisfatórias, ora para desqualificar as atitudes dos políticos. Conforme o próprio nome sugere, percebemos que o subitem ‘qualidade’ só foi manifestado por adjetivações, o que vem reforçar a idéia de que, de acordo com Martin e Rose (2003), tecemos apreciações com a intenção de “*externar um sentimento, representando-o como uma característica inerente da entidade avaliada em si (...), atribuindo a coisas o poder de gerar essas emoções*” (p.64). Separamos três exemplos para mostrar a incidência dos adjetivos.

(91) “O Brasil não pode viver em função de apenas uma pessoa para comandar a economia e, se Palocci estiver mesmo envolvido nesse esquema *sujo* e *desonesto*, ele deve ser punido” (CR01).

(92) “Os aspectos *negativos* da crise são óbvios e já foram suficientemente realçados (...)” (CR07).

(93) “Veja expõe sem medo e com clara independência o *lamentável* estado de nosso país: um doente quase terminal” (CR09).

3.3.2. A Apreciação nas cartas de aceitação

Em relação às cartas de aceitação ao governo petista, não há demonstração de reações impactantes ou de caracterizações, direcionadas a coisas ou a objetos, como propõe o subtipo ‘reação’ da categoria avaliativa apreciação. A não ocorrência do ‘impacto’ e da ‘qualidade’ nessas cartas pode ser justificada pelo fato de os escritores não terem como objetivo apreciar as coisas, nem qualificá-las, ou apreciar, esteticamente, as pessoas a que se referem, ou ainda qualificar essas pessoas. Eles querem, sim, defender as pessoas nas quais acreditam e ofender aquelas, cuja credibilidade está prejudicada. Nesse sentido, eles tendem mais a julgar as pessoas ou a externar seus sentimentos em relação a elas, fazendo uso de elementos avaliativos das categorias ‘afeto’ e ‘julgamento’.

3.3.3. Conclusões Parciais

Não podemos negar as dificuldades para diferenciar as reações referentes ao impacto e aquelas que fazem alusão às qualidades. Entendemos as duas reações muito

próximas, o que dificulta bastante a separação das cartas, a análise dos dados e as conclusões a que nos propusemos aqui.

De acordo com Martin e Rose (2003:63), há uma diferença retórica entre as duas reações – impacto e qualidade, no entanto, entendemos que, em grande parte das cartas analisadas, o que é impactante positivamente para o escritor pode ser compreendido como uma situação da qual ele goste e aprecie; em contrapartida, o que é impactante negativamente pode ser compreendido como uma situação da qual ele não goste, o que lhe permite utilizar expressões lexicais que denotem esse desgosto.

A análise das cartas, segundo valores relativos ao ‘impacto’ e à ‘qualidade’, na categoria apreciação, confirma o que entendemos nas análises anteriores: a alta incidência de expressões lexicais realizadas para elogiar a revista em detrimento às atitudes governistas.

Das 46 cartas de rejeição, as expressões lexicais atitudinais ocorrem, exclusivamente, no âmbito da apreciação negativa, em 14 delas, o que representa um total de 30,43% dos escreventes manifestando-se explicitamente desgostosos e decepcionados com as atitudes políticas de seus representantes.

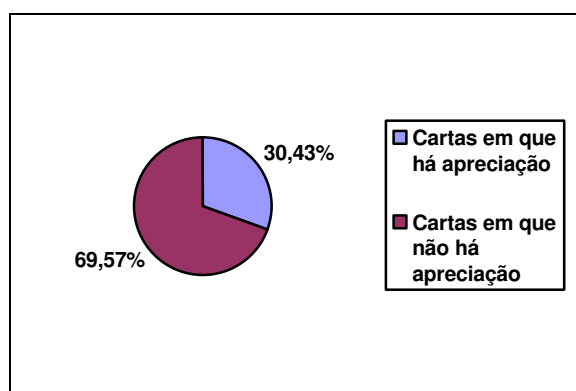


Gráfico 06: Incidência da **apreciação** cartas de rejeição.

O subtipo ‘**impacto**’ ocorre em 10 cartas, das 14 que trazem a apreciação. Já o subtipo ‘**qualidade**’ tem uma incidência um pouco maior, pois, de todas as cartas indicativas do sentimento de rejeição, em 13 delas, os escreventes qualificam ora a revista, elogiando-a, ora os governantes, repudiando suas atitudes. Assim, constatamos que, em

apenas 04 cartas em que há apreciação, não há o subtipo impacto e em apenas 01 carta não há o subtipo qualidade.

Das 26 expressões lingüísticas encontradas nas 14 cartas de apreciação, 14 ocorrências eram explícitas contra o governo e 12 ocorrências explícitas a favor da revista - o que é um dado contextualmente negativo ao governo. Dessa forma, fica claro o sentimento de insatisfação de grande parte dos escreventes que externam suas opiniões para mostrar, por meio da expressão lexical escolhida, se o assunto 'mexeu' ou não com eles. Eles também expressam sua opinião, atribuindo uma 'qualidade' a um objeto ou a uma atitude para mostrar o quanto admiram ou rejeitam o que foi abordado e como foi abordado. Essa posição dos escreventes é comprovada nos 30,43% de textos produzidos, nos quais a categoria **apreciação** é manifestada explicitamente.

Em relação às cartas de aceitação, conforme mencionamos anteriormente, não há ocorrências dos subtipos da reação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, a partir da abordagem sistêmico-funcional elaborada por Halliday (1994) e, especialmente, da interpessoalidade, apoiada em Thompson (1996), buscou analisar as expressões lexicais, fundamentadas em Thompson (2000), segundo a abordagem de *appraisal*, na concepção de Martin (2000) e de Martin e Rose (2003) que propõem aos significados atitudinais o agrupamento em três campos semânticos interligados pela emoção: o **afeto**, o **juízo** e a **apreciação** nas ‘Cartas do Leitor’ da revista *Veja*, cuja temática é o mensalão.

A proposta adotada para a construção desta pesquisa buscou, sobretudo, selecionar as escolhas lexicais explicitadas pelos escreventes das cartas, no âmbito da metafunção interpessoal, e analisá-las segundo as categorias avaliativas propostas em Martin, para assim investigar, por meio de que categoria atitudinal as pessoas mais expressam seus pensamentos e sentimentos, principalmente, em relação a um tema tão polêmico e sério ligado à vida política do país.

Neste sentido, este estudo tentou demonstrar como os significados são organizados e utilizados nos 50 textos pesquisados, levando sempre em consideração que o escrevente produz seu texto não somente como um mero instrumento de expressão das idéias, mas principalmente, como a ferramenta na qual suas intenções comunicativas são expostas implícita ou explicitamente. Dentre essas intenções estão a crítica e o elogio que, no caso específico dessa pesquisa, estão relacionados, respectivamente, à rejeição e à aceitação ao governo petista.

As conclusões a que chegamos respondem as perguntas feitas no capítulo introdutório deste trabalho e representam uma contribuição discreta aos estudos sobre *appraisal*.

A partir de uma temática polêmica e problemática como o mensalão, no nosso contexto sociocultural, e considerando o descrédito do povo brasileiro em promessas dos seus representantes políticos, não foi tarefa muito complexa encontrar meios que viessem ratificar a predominância das emoções negativas nas cartas selecionadas.

Percebemos, nas cartas, as opiniões não só do próprio escritor, como também da comunidade que ele representa e da qual faz parte, confirmando o que afirmou Thompson (2000) sobre a função mais importante da avaliação:

“(...) expressar opinião é a função mais óbvia da avaliação porque traduz o que o escritor pensa ou sente a respeito de algo. Identificar o que o escritor pensa revela-nos mais do que apenas as idéias da pessoa, revela-nos, na realidade, a ideologia da sociedade que produziu o texto”.(p. 06)

No momento em que o escritor da carta revela o que pensa em relação aos políticos e à postura adotada por eles, ele busca a cumplicidade de seus leitores, a fim de que compartilhem juntos os sentimentos de revolta e de indignação, julgando as atitudes desses políticos como inapropriadas, segundo as imposições sociais e, muitas vezes, exigindo punições, ou medidas que impeçam esses governantes de continuarem agindo em favor próprio, em detrimento dos interesses do povo.

Assim, entendemos que, das três categorias atitudinais analisadas neste trabalho, a mais recorrente foi o **julgamento**. Dessa categoria, o subtipo ‘propriedade’ do tipo ‘sanção social’ foi o mais freqüente. Devemos essa predominância à necessidade de os escritores das cartas questionarem o comportamento ético dos políticos no momento em que avaliam suas atitudes. Com um total de 67% de freqüência nas cartas aparece, então, o **julgamento**, ao ser feito o questionamento das ações governamentais e a crítica a esses governantes. A expressão lexical mais utilizada pelos escreventes para julgar foi ‘corrupção’.

Conforme havíamos hipotetizado no capítulo introdutório desta pesquisa, seria esperado encontrar a categoria **julgamento** como recorrente nas cartas em função da temática explorada no *corpus*. O mensalão foi uma prática governamental que revoltou a grande massa da população brasileira, o que fez com que alguns representantes do povo – os escreventes das cartas – manifestassem seu repúdio, suas dúvidas, seu descrédito quanto à ética e à honestidade no comportamento de seus representantes políticos.

Ademais, os escreventes também foram motivados por outros sentimentos, como o **afeto**, com o tipo ‘insatisfação’ predominando sobre a ‘infelicidade’ e a ‘insegurança’ referentes aos governantes. A expressão lexical mais recorrente nesta categoria foi ‘indignado’. A categoria afeto foi freqüente em 45,66% das cartas, dado que mostra as

peças escrevendo para externar seus sentimentos de repulsa, de infelicidade e de insatisfação perante uma situação política ‘amarga’ que marcou a realidade social de uma comunidade na atualidade.

Além de julgarem o comportamento dos políticos e externarem seus sentimentos, os escreventes ainda produziram seus textos para exaltar as qualidades estéticas da revista, como também para denegrir a imagem dos políticos, fato comprovado nos **30,43%** de textos produzidos, nos quais a categoria **apreciação** é manifestada explicitamente. Dessa forma, fica claro o sentimento de insatisfação de grande parte dos escreventes que externam suas opiniões para mostrar, por meio da expressão lexical escolhida, se o assunto ‘mexeu’ ou não com eles e para atribuir ‘qualidade’ a um objeto ou a uma atitude, externando o quanto admiram ou rejeitam o que foi abordado e como foi abordado. A expressão lexical mais recorrente para apreciar o assunto em questão foi ‘lamaçal’.

Para Martín (2000), é comum encontrarmos textos que relacionem as três categorias atitudinais, ou textos que mostrem, pelo menos duas delas. Segundo o autor, as três categorias estão fundamentalmente interligadas na medida em que todas têm a ver com a expressão de sentimentos.

Logo, o autor do texto ao julgar alguém, pode estar expondo sentimentos em relação a essa pessoa; ao emocionar-se com algo, o autor pode tecer apreciações sobre a coisa mencionada. As reações emotivas referentes ao julgamento sobre comportamentos mostram a incidência das categorias afeto + julgamento; o valor indicando julgamento sobre comportamento mostra a fusão das categorias julgamento + apreciação. Dessa forma, buscamos explicar o índice de expressões lexicais, 97 analisadas no total das cartas de rejeição, explicitadas pelos escreventes para externar seus sentimentos de **afeto**, de **julgamento** e de **apreciação**.

Das 46 cartas de rejeição, 10 mostram somente o afeto; 14 mostram somente o julgamento e 05 somente a apreciação. Em 08 cartas, encontramos as categorias afeto e julgamento; 06 mostram o julgamento e a apreciação e 03 mostram a presença das três categorias avaliativas, conforme evidenciamos mais claramente no gráfico:

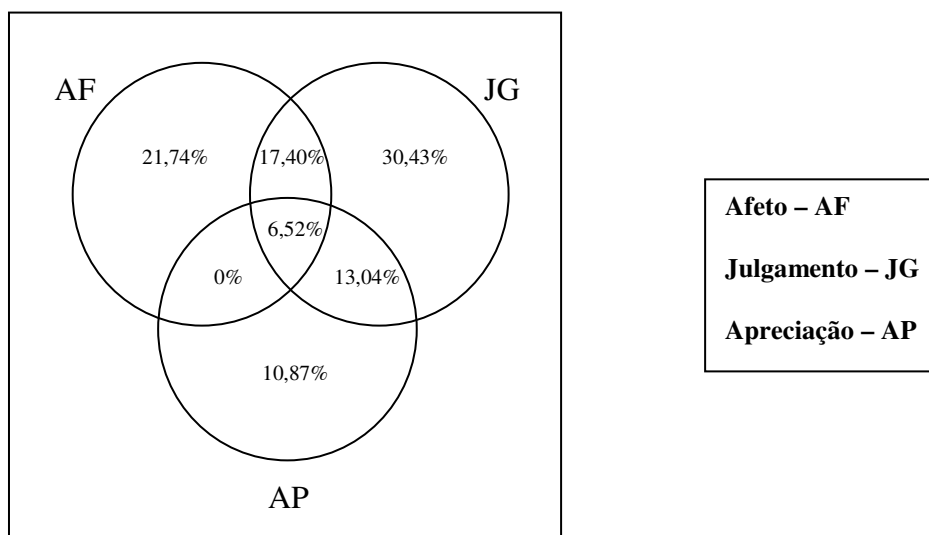


Gráfico 07: Incidência das categorias **afeto**, **juízo** e **apreciação** nas cartas de rejeição.

Os dados expostos provam a incidência do **juízo** como a categoria mais recorrente, aparecendo em 31 cartas, correspondentes a 67,39% do total, seguido da categoria **afeto** que aparece em 21 cartas, correspondentes a 45,66% do total e a categoria **apreciação** que aparece em 14 cartas, o que corresponde a 30,43%.

Além desses dados também comprovamos o **afeto** como a única categoria na qual aparecem todas as classes gramaticais sugeridas em Martin (2000): substantivo, adjetivo, verbo e advérbio, sendo o verbo o mais recorrente, o que respalda a afirmativa de Martin (2000) de que “(...) a semântica do afeto envolve significados que são tipicamente *construídos através de um processo verbal realizado ou vivenciado por um participante humano consciente – os processos mentais relacionais da lingüística sistêmico-funcional*”.(p.154).

Na categoria **juízo**, encontramos substantivos e adjetivos, cuja incidência é justificada pela necessidade de se usar marcas lexicais para qualificar a pessoa de quem se fala. Martin (2000) justifica essa necessidade ao afirmar que “(...) *existem significados que indicam uma visão da aceitabilidade social (ou não) do comportamento de agentes humanos, uma avaliação feita por meio de referências a algum sistema de normas sociais, realizada por qualidades próprias ao ser humano (...)*”.

Na categoria **apreciação**, encontramos também substantivos e adjetivos, com a predominância das adjetivações que de acordo com Martin e Rose (2003), são

utilizadas com a intenção de “*externar um sentimento, representando-o como uma característica inerente da entidade avaliada em si (...), atribuindo a coisas o poder de gerar essas emoções*”. (p.64).

Verificamos, nas cartas de aceitação, uma maior incidência das categorias **afeto** e **juízo**, não tendo expressividade a ocorrência da apreciação, provavelmente porque, no âmbito da aceitação, os escritores não têm como prioridade apreciar as coisas, nem qualificá-las, ou apreciar, esteticamente, as pessoas a que se referem, ou ainda qualificar essas pessoas. Eles querem, sim, defender as pessoas nas quais acreditam e ofender aquelas, cuja credibilidade está prejudicada. Nesse sentido, eles tendem a julgar as pessoas ou a externar seus sentimentos em relação a elas.

Das 04 cartas de aceitação do governo, o **afeto** positivo foi encontrado em duas delas, em 50% das ocorrências nas quais os subtipos felicidade e satisfação não estiveram explícitos. As duas ocorrências lexicais marcaram uma maior incidência do subtipo **segurança**, o que mostra a esperança das pessoas em dias melhores. Assim como nas cartas de rejeição, a classe gramatical mais recorrente foi o verbo.

A categoria avaliativa **juízo** esteve explícita em 75% das ocorrências, o que representa um dado relevante, pois de um total de 04 cartas analisadas, apenas uma não julgou comportamentos em relação à idoneidade da revista ou dos valores das pessoas que não acreditavam nos governantes petistas e escreviam seus textos para criticá-los ou condená-los. A classe gramatical recorrente foi o adjetivo, da mesma forma como encontramos e justificamos nas cartas de rejeição.

Assim como nas cartas de rejeição, nas cartas de aceitação a categoria avaliativa **juízo** também aparece como recorrente, seguida da categoria **afeto**.

Esta dissertação, pois, permite afirmar que, nos textos aqui analisados, o escrevente, percebendo o contexto situacional em que está inserido – o escândalo do mensalão, recorre às categorias de *appraisal*, sobretudo a de **juízo**, para evidenciar uma atitude que é corriqueira no cotidiano das pessoas – a atitude de julgar o outro, seja pelo seu comportamento, seja pelas ações, seja pelas promessas não cumpridas, seja pelos atos anti-éticos, seja pela hipocrisia – isto é, atitudes com as quais as pessoas estão acostumadas no

nosso meio político, porém não aceitam passivamente, manifestando então seus sentimentos de revolta por meio da linguagem.

Esperamos que este trabalho concorra para a inspiração da produção de outros, uma vez que não representa uma análise esgotada das categorias de *appraisal*, mas apenas uma discreta e limitada contribuição aos estudos funcionalistas, principalmente porque consideramos apenas alguns tipos e subtipos das categorias avaliativas. Como sugestão para a confecção de outros trabalhos na área, aconselhamos no âmbito da categoria afeto, a análise dos cinco fatores sugeridos por Martin não detalhados aqui; ou no âmbito da categoria julgamento, a análise do tipo ‘estima social’ e seus subtipos; ou ainda, no campo da apreciação, a análise dos tipos ‘composição’ e ‘valorização’, também não explorados neste trabalho.

Intentamos com tais procedimentos iniciar uma pesquisa num campo ainda incipiente na área da linguagem - a análise das categorias de *appraisal* e, assim, despertar o interesse de outros estudiosos nessa área pouco explorada, portanto ainda muito carente de descobertas.

REFERÊNCIAS

- BONINI, A. 2002. *Gêneros Textuais e Cognição: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos*. Florianópolis: Insular.
- COSTA, Eliana do Socorro Cavalcante da. 2003. *A Análise da Interpessoalidade: a modalidade nas cartas da coluna "A Voz do Leitor"*. Dissertação de Mestrado, UFPa-PA.
- COULTHARD, Carmen Rosa e FIGUEIREDO, Débora de Carvalho (orgs). 2000. *Linguagem em Discurso*. V.1, n.1. Tubarão: Ed. Unisul. P. 177-205.
- EGGINS, S. 1994. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Pinter Publishers.
- HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. 1989. *Language, Context and Text.: Aspects of language in a Social-Semiotic Perspective*. Oxford, Oxford University Press.
- HALLIDAY, M.A.K. 1994. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold.
- HUNSTON, S. 2000. *Evaluation and the Planes of Discourse: Status and Value in Persuasive Texts*. In: Hunston, S; THOMPSON, G. (orgs). *Evaluation in Text: Authorial Stance and the Construction of Discourse*. Oxford: Oxford University Press.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça e FÁVERO, Leonor Lopes. 2002. *Linguística Textual: Introdução* 6ª ed. São Paulo, Cortez.
- _____.1996 *Argumentação e Linguagem*. 4ª ed. São Paulo: Cortez,
- _____.2003 *A Interação pela Linguagem*. 8ª ed. São Paulo: contexto,
- _____.2002 *Desvendando os Segredos do Texto*. São Paulo: Cortez.
- _____.2006 *Ler e Compreender os Sentidos do Texto*. São Paulo: Contexto.
- MACÊDO, Célia Mª M. 1999. *A Reclamação e o Pedido de Desculpas: uma Análise Semântico – Pragmática de Cartas no Contexto Empresarial*. Tese de Doutorado. PUC. São Paulo.
- MAINGUENEAU, Dominique: 2004. CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto.
- MARTIN, J.R. 2000. *Beyond Exchange: Appraisal Systems in English*. In: HUNSTON, S; THOMPSON, G. (orgs). *Evaluation in Text: Authorial Stance and the construction of Discourse*. Oxford: OUP. P. 142-175.
- MARTIN, J.R. e ROSE, David. 2003. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. New York. P. 22-58

- MARTIN, J.R. e WHITE, P. 2005. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. New York: Palgrave. WWW. Grammatics. com/appraisal.
- MEURER, J.L.; BONINI, Adair, MOTTA-ROTH, Désirée (orgs). 2005. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial.
- NEVES, Maria Helena de Moura. 2000. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Ed. UNESP.
- _____.2001. *A Gramática. História, Teoria e Análise*, Ensino. São Paulo: UNESP.
- _____.2006. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto.
- RODRIGUES, Ivanildo de Almeida. 2005. *A Modalização em Textos de Campanha Político-Eleitoral*. Dissertação de Mestrado Inédita. UFPa-PA.
- THOMPSON, G. 1996. *Introducing Functional Grammar*. London: Edward Arnold.

ANEXOS

CARTAS DE REJEIÇÃO

CR 01

Fiquei muito indignado com toda crise. Tenho apenas 17 anos e não me conformo com esse mar de lama sem fim, em que a cada dia surgem mais e mais denúncias envolvendo integrantes e aliados do PT e do governo. A posição tomada pelo ministro Palocci não me surpreendeu, pois sua linha de defesa foi a mesma de quase todos os denunciados: negar tudo. O Brasil não pode viver em função de apenas uma pessoa para comandar a economia, e, se Palocci estiver mesmo envolvido nesse esquema sujo e desonesto, ele deve ser punido (A crise dos 100 dias”, 24 de agosto).

Felipe Barreto Tolentino
Belo Horizonte, MG

CR 02

Quero negar com veemência a crença nas palavras de qualquer um desses “senhores” envolvidos no lamaçal criado para “blindar” (palavra tão em voga) a incomPeTência de um governo que nasceu na crença de um povo que se arrasta na “fé” da impunidade.

Sandro Moreira Rossi
Sobradinho, DF

CR 03

A entrevista com o jurista Hélio Bicudo (“Lula esconde a sujeira”, 17 de agosto) nos dá a exata dimensão do envolvimento dos principais dirigentes do nosso país no lamaçal da corrupção do PT. Não é preciso provar mais nada, está tudo muito claro. Fiquei emocionada quando li a entrevista, vendo aqueles olhos marejados de lágrimas, e suas mãos entrelaçadas, como alguém que está sofrendo muito com toda essa crise, causada por dirigentes do partido que ajudou a criar. Parabéns a VEJA por mais essa entrevista.

Tereza Rodeguer Vorpe
Chambésy, Suíça

CR 04

“Fico indignado ao ver que ainda existem pessoas que acham haver um complô jornalístico contra o governo do PT.”

Gustavo Pugliesi
São Paulo

CR 05

O Brasil está dando a volta por cima.

Mesmo com a decepção que é ver tantos representantes do povo envolvidos com a corrupção, ainda é possível acreditar que alguma justiça seja feita a favor da população brasileira e contra tanta hipocrisia.

Basta que ninguém deixe esmorecer a vontade que temos de vencer.

Fernanda Mazzetto Moroso
Itajaí, SC

CR 06

O Brasil poderia estar muito melhor se não fosse a incompetência e a ganância dos responsáveis, melhor dizendo, irresponsáveis, que governam esse país.

Jorge Jossi Wagner, Ribeirão Preto, SP

CR 07

Os aspectos negativos da crise são óbvios e já foram suficientemente realçados. Mas há em tudo isso coisas positivas que surpreendem e merecem registro. As CPIs investigam mesmo, o que confere ao Parlamento importância e prestígio acrescidos.

Por sua vez, a imprensa mostra sua força, uma liberdade e uma dinâmica extraordinárias. A crise trouxe a luz do dia coisas más, mas também demonstrou a solidez da democracia brasileira.

Antonio Beça Pereira
Aveiro, Portugal

CR 08

I'm sorry, USA. Eu gostaria muito de poder ajuda-los. Mas aqui também estou afogado ... num rio de lama e num mar de pizzas ("Katrina: incompetência, não racismo", 14 de setembro).

Celso Corrêa de Freitas
Praia Grande, SP

CR 09

VEJA expõe sem medo e com clara independência o lamentável estado de nosso país: um doente quase terminal. Tal qual uma infecção generalizada, a corrupção está a matar o nosso país, à medida que as partes ainda sãs de nosso organismo nacional são contaminadas pela rápida decomposição dos diversos poderes, órgãos e setores do estado.

Rodrigo Gava
Vice-presidente do conselho nacional para
o desenvolvimento e combate à corrupção
Curitiba, PR

CR 10

Sinto uma enorme tristeza ao ver que o Brasil não mudou depois do impeachment de Collor. O povo brasileiro continua à mercê dos desmandos de sucessivos governos, a miséria aumenta, tudo continua igual (ou pior). Escândalos e escândalos diários que fazem com que Collor e seu esquema PC fiquem humilhados diante da grandiosidade dos monstros que atuam agora. É absurdo o presidente Lula dizer que daria um cheque em branco ao deputado Roberto Jefferson e que dormiria tranqüilo. É absurdo ver a cúpula do PT – Dirceu, genóio e Mercadante, entre outros – manobrar para abafar a criação da CPI dos correios.

Sandra Fernandes de Oliveira
Secretária que denunciou a Operação
Uruguai na CPI do Collor- PC em 1992
São Paulo

CR 11

VEJA tem prestado um grande serviço à democracia brasileira. A última edição, acerca do risco Dirceu (“Ele assusta o governo”, 3 de agosto), é uma obra-prima. A máscara começa a cair. É claro que “Lulla”, desde sempre, foi manobrado por articuladores PT (José Dirceu, o principal deles) para ser o candidato/ator que representasse, aos menos favorecidos, um personagem. Arrumaram um bom marqueteiro para vender a propaganda enganosa e um falso publicitário e um tesoureiro mafioso para operar a tramóia do financiamento. Resultado: 53 milhões de votos.

Wilmar Inácio Mota
Conceição do Araguaia, PA

CR 12

O presidente Lula culpa a elite pela crise política atual do Brasil. Concordo com ele. Se a elite não tivesse feito o povão descrever dos políticos, com as já conhecidas roubalheiras de antes, ele não teria depositado suas esperanças (por meio do voto) em um homem totalmente despreparado para governar um país-continente como o nosso Brasil.

José Valdir Aires
São Bento do Sul, SC

CR 13

Toda semana, ao ler atentamente VEJA, torço para que Lula cumpra até o último dia de mandato. “Diz-que-diz” é o que ele sabe fazer de melhor. Acredita tanto que, até agora, não aprendeu que a imprensa lida com fatos, não com balelas. E seu compromisso é com a verdade, não com a conveniência.

Sissi Filassi
Uberaba, MG

CR 14

É vergonhosa a atitude da Petrobrás e de outras empresas estatais que mergulharam na lama juntamente com membros do governo e de partidos sem escrúpulos que tomaram o poder para governar em causa própria, atendendo a suas ambições desmedidas pelo poder e pelo dinheiro. Esperamos que a justiça seja dura com eles, os senhores José Dirceu, Delúbio, Silvinho e até mesmo o presidente. E não adianta Lula justificar que mensalão e caixa dois são praxe dentro da política brasileira. O PT teve 25 anos para desmascarar essa situação e não o fez. Conivência ou conveniência?

Riquelme Vargas L. Silva
Curitiba, PR

CR 15

Será que o presidente não tem ninguém para impedi-lo de pagar tanto mico? Já está ficando ridículo! Será que não há ninguém pintando a cara? Cadê a galera brava de outrora ? como simples leitor, acho que a farta quantidade de fatos envolvendo pessoas que estavam acima de qualquer suspeita me faz recordar de um filme “collorido”.

Raul Gomes Guimarães Junior
Araçatuba, SP

CR 16

Primeiro, o ex-ministro José Dirceu disse que não sabia das ações de seu assessor Waldomiro Diniz. Exonerou o companheiro e deu o caso por encerrado. Depois, o presidente Lula não sabia das ações de seu ministro da casa civil. Na semana passada, o presidente do PT, José Genoíno, disse que não sabia das ações de seu tesoureiro, mas assinou em baixo. Agora, José Nobre Guimarães, irmão de Genoíno, diz não ter a menor

idéia do que seu assessor estava fazendo com 100 000 dólares escondido na cueca. Por mais deslumbrado que se esteja, é necessário governar o país. E uma boa administração começa por saber o que os subordinados estão fazendo (“A maioria acha que ele sabia”, 13 de julho).

Adelson José Fontes Santos São Paulo, SP

CR 17

Se ele não sabia, nós leitores de VEJA, certamente já sabíamos. Basta nos lembrarmos de que, desde que o PT assumiu o governo, a revista vem nos alertando para o loteamento que o PT estava fazendo nos cargos públicos com a intenção de gerar caixa para o partido com a contribuição do dízimo. Um partido que age dessa forma com a máquina pública não deve surpreender ninguém.

Marcos Vinicius S. Machado
Sapucaia do Sul, RS

CR 18

Mais uma vez esta revista presta um serviço incomensurável à nação brasileira nos trazendo a reportagem sobre as relações do filho de Lula com a Telemar. Depois dessa esclarecedora matéria, alguém duvida que Lula sabia e sabe de coisas do arco-da-velha? Bem feito para aqueles que sempre louvaram o PT como símbolo de mudança e ética. Lula e o PT deveriam enfiar a viola no saco, fazer um grande mea-culpa e cair fora.

Glauco Sanson Silva
Curitiba, PR

CR 19

“Não gostei da capa da VEJA.

Collor e PC Farias, hoje, seriam encaminhados a um tribunal de Pequenas Causas.”

Marcel van Hattem
Dois irmãos, RS

CR 20

Indignação. Essa foi minha reação ao ver VEJA igualar a situação do atual presidente à “caçador de marajás” impedido. Todos sabemos que Lula não é igual a Collor, e sim muito pior. Collor não montou um partido político que em vinte anos de oposição defendeu uma imagem de ética e transparência para chegar ao poder e frustrar as “esperanças” de milhões de brasileiros (“As cores da crise”, 10 de agosto).

José Roberto Cordebello Júnior
Ribeirão Preto, SP

CR 21

Elegemos em 2002 o primeiro “operário” para ocupar o maior posto-mor do Brasil, sob a bandeira da ética, da transparência, da moralidade e, principalmente da esperança. E o que vemos? O mesmo que vimos no governo Collor: corrupção, falta de ética, falta de respeito aos valores pregados.

Pedro Choairy
Brasília, DF

CR 22

Triste e infeliz Brasil onde povo e governantes dançam o balé das desilusões, esperando o próximo carnaval, que parece só ter quarta-feira das cinzas.

Margatetha Bunskoek Delft, Holanda

CR 23

Cercado de denúncias contra seus principais homens de confiança, o presidente opta pela demagogia populista do olho-no-olho com o cidadão. Pisou na bola de novo. Por isso, presidente, aqui vai um humilde conselho: levante o traseiro da cadeira logo, sacuda a poeira e dê a volta por cima. Não queremos viver o pesadelo Collor outra vez.

Gustavo Henrique de Brito Alves Freire
Recife, PE

CR 24

As pessoas envolvidas nesse mar de corrupção, apesar do cargo que ocupam, das roupas que vestem, do dinheiro que possuem e da boa formação que têm, não passam de um bando de ladrões e, como tal, em vez de ser tratadas de “sua excelência”, deveriam ser levadas de camburão para a cadeia, como acontece com o desempregado que rouba 1 quilo de arroz para alimentar a família. (“E eles querem levar junto os tucanos...”, 6 de julho).

Ricardo Lobo de Macedo
Joinville, SC

CR 25

Hoje, ao ler minha revista, lembrei-me de uma jovem de 15 anos, ainda sem direito ao título de eleitor com que tanto sonhava, que driblou a mãe e foi escondida ao comício de Lula na Candelária, em dezembro de 1989. ela ficou de castigo pela desobediência, mas feliz por estar defendendo as idéias que acreditava. Passados dezesseis anos, essa jovem cresceu, viu com satisfação a esperança vencer o medo e hoje chorou ao ler VEJA. O que era esperança virou decepção. O que era luta virou vergonha. E o cheque em branco nas mãos de Roberto Jefferson? A sensação que tenho é que fui eu quem o entregou.

Luciana Saker
Rio de Janeiro, RJ

CR 26

VEJA nos mostra o que faltava para consolidação da decadência e a confirmação de que quem sempre bradou por ética hoje se ressentido de falta dela. Deplorável.

João Márden
Belo Horizonte, MG

CR 27

É incrível que, por muito menos, por não se alinharem com a posição do PT em votações no Congresso, alguns parlamentares petistas tenham sido expulsos do partido. Apesar de serem os únicos a manter coerência com as idéias originais do PT. E, mesmo estando claramente envolvidos em corrupção grave, os integrantes da cúpula do PT não pensam em deixar o partido. O PT nem sequer cogita a expulsão deles.

João Aduino de Souza Neto
Recife, PE

CR 28

A reportagem “O elo se fechou” explicou com “simplicidade” e clareza os passos dessa malandragem arquitetada e executada pelo PT. Essa, creio, é a reportagem símbolo que no futuro deverá ser lembrada sempre como a bandeira da verdade dos cidadãos honestos deste país versus os malandros que usavam a máscara revolucionária para esconder suas caras de gatunos.

Denizard Borba
Recife, PE

CR 29

Exemplar a postura de VEJA em relação ao esquema de corrupção que consome o Brasil. Diferentemente de outros periódicos, a revista desmascara com total imparcialidade a cúpula petista que tentou assumir o Brasil para fins próprios. Não poupou o senhor “Lula”, que até hoje faz de conta que essa crise não é com ele.

Aliás, enjoa a postura desse nobre cidadão que se diz presidente (embora não saiba governar) em bater no peito e afirmar que dentre 180 milhões de brasileiros, não há alguém mais honesto e que possa discutir ética com ele. Qual será seu discurso na solenidade de posse de José de Alencar?

Cristiano Dias
Anápolis, GO

CR 30

Apesar das insistentes negativas do senhor Valério a respeito da reportagem de capa da VEJA, acredito piamente no teor da referida matéria. Assim como também deve ocorrer com a grande maioria de seus leitores, uma vez que foram pouquíssimas as vezes nas quais a revista me decepcionou. Por que uma revista do porte, da importância e da serenidade de VEJA iria publicar inverdades a respeito de tema tão sério e complexo da vida política de nosso país? Meus sinceros e efusivos parabéns à equipe de VEJA pelo coerente e minucioso trabalho que vem fazendo em relação à atual crise política.

Edson F. Nascimento
Ribeirão Preto, SP

CR 31

Completas e esclarecedoras as reportagens sobre corrupção. Será impossível provar que o presidente Lula desconhecia a cobrança do mensalão (“O PT assombra o planalto”, 15 de junho). Alguém em sã consciência, vai acreditar que quem já comandou o PT por um bom tempo, amigo e companheiro de José Dirceu desde os primeiros movimentos políticos, ignorava o fato? Nem a velhinha de Taubaté!

Benedito Pession
São Paulo, SP

CR 32

É! Parece que o pileque que o PT tomou quando da vitória de Lula nas eleições à presidência está passando agora, e que os líderes do partido estão tentando entender as confusões em que se meteram, as mentiras que contaram, o orgulho que sentiram, o poder que lhes chegou como vinho enquanto estava de fogo. É triste ver o partido largado na sarjeta.

Elizabeth M. Gomes de Oliveira.
Barueri, SP

CR 33

A estrela vermelha que eu carregava cheio de orgulho no lado esquerdo do peito desde a primeira candidatura do Lula joguei fora e, com ela, idéias e convicções que não faziam mais sentido. O que ficou foi um grande vazio. De uma hora para outra eu me sinto meio órfão.

Ronaldo Assis de Oliveira
Rio das Ostras, RJ

CR 34

“O Brasil assiste estarecido à voracidade dos políticos. Essa o Severino Cavalcanti literalmente recebeu de bandeja.”

Roberto Andrade
João Pessoa, PB

CR 35

Cada dia que passa, tenho mais certeza de qual é o principal problema desse país: a desproporcionalidade da ética. Infelizmente, para cada 100 Severinos existe apenas um Gabeira.

Julio Bin
São Paulo, SP

CR 36

Sou pernambucana com muito orgulho e fico envergonhada de ver alguns de nossos “representantes” políticos metidos nas mais diversas trapalhadas – começando por Lula. Como ele pode gerir um país se não consegue se quer dar uma explicação a seus eleitores?

Helena Castelo Branco
PE

CR 37

O poder corrompe mesmo. O PT se deteriorou no seu exercício tornando-se um agrupamento político quase inviável.

Enquanto a crise ética afeta a própria governabilidade do país, o presidente Lula, que foi contra a instalação das CPIs, demonstra sua total incapacidade para o cargo que ocupa. Seu discurso pedindo perdão e falando que foi traído, quando o traidor é ele próprio, é tão inconsciente quanto insuficiente (“Choque de realidade”, 17 de agosto).

Carlos Alberto Dias Ferreira
Rio de Janeiro, RJ

CR 38

É com muita tristeza que, como militante do PT há 25 anos, concordo em todos os pontos com o querido e sempre atuante militante jurista Hélio Bicudo.

O partido começou a se perder quando se afastou da militância em busca de um poder a todo custo.

Natércia Tereza Belfort Almeida dos Santos
Rio de Janeiro, RJ

CR 39

Como todos os brasileiros com um mínimo de bom senso, estou decepcionado com o PT, Lula e seu governo. Se Lula sabia de tudo, deve ser impedido e tratado como ladrão e mentiroso como qualquer outro bandido. Se não sabia, ora, que tipo de governante é esse que não sabe o que acontece diante de seu nariz?

Charles Bessel
St. Louis, Missouri, EUA

CR 40

“VEJA expõe claramente o lamento de milhões de brasileiros que acreditaram erradamente no Partido da Trapaça”

Jorge Jossi Wagner
Ribeirão Preto, SP

CR 41

Genial e ao mesmo tempo triste a foto estampada na capa da revista VEJA. A que ponto chegaram a ganância e a irresponsabilidade dos comandantes de um segmento político que se intitulava o ícone da moralidade e da justiça social!

Osmar Martins Cerioni
Jarinu, SP

CR 42

Depois das eleições presidenciais, que levaram legitimamente Lula e o PT ao poder dizia-se que a esperança venceu o medo.

Hoje, passados pouco mais de dois anos constatamos que, infelizmente, a corrupção matou a esperança.

Mário Capella
Florianópolis, SC

CR 43

Em face de tanta corrupção só temos a lamentar, pois sabemos que o grande perdedor é o povo brasileiro. O dinheiro roubado dos contribuintes honestos jamais retornará. Mas é imprescindível que continuemos lutando contra a corrupção.

Ângela Maria Botelho de Menezes
Goiânia, GO

CR 44

O artigo “Muito barulho por nada”(29 de junho), de Mario Sabino, foi a melhor coisa que li na VEJA da semana passada, pois conseguiu colocar em palavras o que senti quando vi a entrada “triumfal” de José Dirceu na Câmara dos Deputados e ouvi seu discurso. Toda a minha indignação foi muito bem traduzida nesse artigo. Obrigado!

José Antonio Altmayer
Rio Grande, RS

CR 45

Quando vi a capa da última edição de VEJA, senti orgulho de viver num país onde a liberdade de imprensa existe de fato. Parabéns a VEJA, que tão bem vem exercendo esse direito.

Cristiano Malucelli
Curitiba, PR

CR 46

Quisera eu poder acreditar que o governo petista pagará caro por essa forma de governar, mas o universo de eleitores brasileiros que pensam, se informam e questionam nossos políticos é muito pequeno em face do restante, composto analfabetos ou de pouca escolarização, alienados ou ingênuos, acostumados a ser enganados por demagogos e comprados a baixo preço, votando em troca de dentaduras e cestas básicas. Por tudo isso, Lula tem a certeza de que, até outubro de 2006, todos esses escândalos estarão esquecidos, mortos e sepultados, graças à falta de memória do nosso eleitorado. Ele só não será reeleito se a economia desandar (“Escolha simples”, Carta ao Leitor, 29 de Junho).

Laércio Zanini
Garça, SP

CARTAS DE ACEITAÇÃO**CA 01**

O ódio que os adversários alimentam contra o PT do presidente Lula só se compara ao ódio que Satanás tem da cruz. Será que a sociedade não está vendo que isso é pura inveja motivada pela mudança pela qual o país está passando? Nunca se prendeu tanto ladrão do dinheiro público neste país como agora, nunca a balança comercial esteve tão equilibrada a ponto de nossas reservas serem suficientes para não se pedir mais dinheiro ao FMI, que tanto atraso causou ao país por todo esse tempo passado. Precisamos continuar acreditando no Brasil com o presidente Lula no comando e, em 2006, Lulalá novamente.

Luiz Pinto Façanha
Aracajú, SE

CA 02

Acredito que o presidente Lula não tinha conhecimento. Assim como numa grande empresa se descobre posteriormente que esse ou aquele empregado estava dando o golpe, aconteceu, acontece e acontecerá nos governos. Não considero o PT ou qualquer outro partido desonesto. O que existem são pessoas desonestas, que ingressam nas empresas, nos partidos e nos governos. Vamos nos lembrar de que o deputado Roberto Jefferson afirmou na CPI que todos ali presentes não eram coerentes com as declarações de gastos em campanhas. E todos baixaram a cabeça: direita, centro e esquerda.

Joaquim Rêgo
Manaus, AM

CA 03

A revista VEJA cometeu uma atitude mesquinha e perversa contra o presidente mais popular e honesto que o Brasil já teve ao compara-lo ao ex-presidente Collor.

Mauro Rodrigues Uchoa
Brasília, DF

CA 04

Com a capa da semana passada, VEJA mostra claramente de que lado está. Em franca e aberta campanha para derrubar um presidente eleito pela maioria do povo brasileiro. Quanta irresponsabilidade!

Vamos ver a posição da revista nos próximos cinco anos do governo Lula.

Rubens Godinho
Genebra, Suíça